

ILUSTRAÇÃO

BOTELHO



**EXPOSIÇÃO
PORTUGUESA
EM SEVILHA**

4.º ANO
NÚMERO 83

Lisboa, 1 de Junho de 1929
A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO
4\$00

Veramon

Schering



O mal estar proprio da mulher alcança com frequencia, especialmente nas mulheres delicadas e muito sensiveis, um grau verdadeiramente atormentador. Não só as incapacita para cumprir com as exigencias da vida diaria, mas ainda, pela sua repetição terminam taes incomodos por intristecer o seu animo. Consulte a seu medico. Elle lhe dirá se esses incomodos são originados por uma sensibilidade nervosa aumentada. O Veramon da casa Schering de Berlin faz desaparecer o mal estar, tomando um comprimido de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas sem produzir efeitos nocivos. Adquira V.Ex. um tubo de 10 e 20 comprimidos e convencer-se-ha d'isso.

603616



A ALEGRIA DAS CRIANÇAS



A SAUDE DO VOSSO BÉBÉ exige que sejais severa na escolha do seu leite. Quando ha falta de leite materno, deveis evitar de dar ao vosso filhinho leite fresco que quasi sempre é de qualidade duvidosa, cheio de micróbios e outras impurezas. A fervura diminui consideravelmente o seu valor nutritivo, pois destroi as preciosas vitaminas tão necessarias ao desenvolvimento da criança. Adotai sem hesitar o melhor dos leites, o

LEITE CONDENSADO AÇUCARADO MARCA «MOÇA»

PURISSIMO, RICO EM CREME E EM VITAMINAS. É O ALIMENTO IDEAL, O QUE
MELHOR SUBSTITUI O LEITE MATERNO

PREPARAI O VOSSO BÉBÉ AO DESMAME. Fazê-lo bruscamente é expor a criança a graves perigos. Por isso todos os pediatras recomendam que se faça o desmame progressivamente, juntando às mamadeiras de leite papinhas de farinha fortemente lacteada e cuidadosamente malteada. Substitui uma, depois duas e três mamadeiras de leite por uma papinha de

FARINHA LACTEA «NESTLÉ»

RICA EM LEITE E VITAMINAS, CUIDADOSAMENTE DOSEADA E MALTEADA

É assim a melhor maneira de desmamar sem perigo o vosso bebé.

PEÇAM UMA AMOSTRA A

Filial em Portugal da

NESTLÉ & ANGLO-SWISS CONDENSED MILK CO.

Rua Ivens, 11-13 - LISBOA



Depositários gerais para Portugal e Colónias:
ROBINSON, BARDSLEY & C.ª L.ª — Cais do Sodré, 8 — LISBOA



LISBOA - MADRID
 NOS
JUNKER'S

às 3.^{as}, 5.^{as} e sábados

PREÇO Esc. 500\$00

15 quilos de bagagem livre

Serviços Aereos Portugueses, Ltd.

Avenida da Liberdade, 3

CAFÉ HAG



SEM CAFEINA

**Verdadeiro
 Café Colonial
 (NÃO É CEVADA)**
 Recomendado pela ilustre
 classe médica

A' venda nos melhores armazens de viveres

Agentes: RIBEIRO, BOURQUIN, L.ª — PRAÇA DE S. Paulo, 19
 Telefone: Trindade 2475

CAMINHOS DE FERRO

**Bilhetes de ida e volta a preços reduzidos
 aos domingos e dias de feriado nacional**

No primeiro domingo do próximo mês de Junho a C. P. restabelece, nas linhas do Sul e Sueste, a tarifa especial temporária n.º 7 bis de grande velocidade, relativa a bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos, válidos para viagens aos domingos e dias de feriado nacional, das estações de Lisboa e Barreiro até Setúbal e Seixal para as de Lavradio até Setúbal e Seixal.

Esta tarifa acaba de ser tornada extensiva à estação de Aldegalga, para ou da qual serão também vendidos aqueles bilhetes.

NOVIDADE LITERARIA

PROVA DE AMÔR

Acaba de aparecer, num magnifico volume e com uma sugestiva capa, este extraordinario romance de GABRIEL BERNARD, publicado no «Diario de Noticias» em folhetins concurso.

PREÇO 5\$00

A' VENDA NAS LIVRARIAS E NA FILIAL
 DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
 Largo Trindade Coelho, 10 e 11
 (antigo Largo de S. Roque).



AS ELEGANTES CONDUITES INTERIORES

C⁴ CITROËN C⁶

SÃO AREJADAS COMO UM TORPEDO
E TÊM A MESMA VISIBILIDADE, MAS
DÃO VOS O MÁXIMO CONFORTO COM
QUALQUER TEMPERATURA



AUTOMOVEIS CITROËN

S. A. P. R. L.

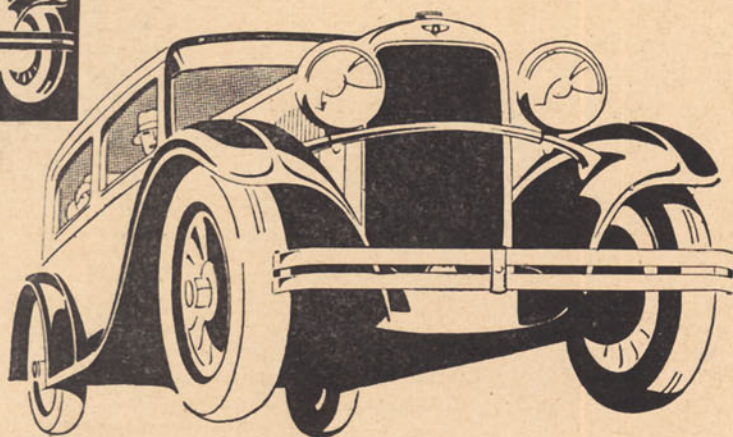
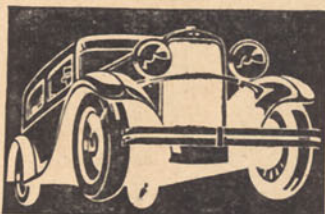
44-AVENIDA DA LIBERDADE - 48

- LISBOA -

AGENTES EM TODO O PAIZ



SILENCIOSO QUAL UM FANTASMA-



RIGIDO-ESPAÇOSO!

Que velocidade n'esta machina poderosa—que velocidade tornada suave e silenciosa devido aos seis cylindros e ás sete chumaceiras do seu veio de manivela. Que segurança—segurança infallivel n'aquelles freios hydraulicos de acção suave e instantanea. E que socego e confôrto—tal qual até hoje nunca tercis sentido—n'aquella caixa de carro, systema "mono-peça" (n'uma só peça) dos fabricantes Dodge Brothers. A caixa de carro "Mono-peça" é com effeito construida d'um modo inteiramente novo. Não tem juntas e é feita de aço sem soldadura. Rigida e construida no proprio chassis. Depois de ter percorrido m lhares de kilometros por estradas toscas e escabrosas a caixa de carro "mono-peça" achar-se-ha tão silenciosa e firme como quando era nova. A casa Dodge Brothers tem construido muitos carros fortes e de confiança reconhecida, mas nunca antes conseguira ella construir um que fôra tão quieto, tão forte e tão duradouro como este carro novo conhecido sob o nome de Dodge Brothers Seis.

**PROVAI HOJE
MESMO ESTE
NOVO CARRO**

DODGE BROTHERS

BERNARDINO CORREA & CIA, 1 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

SEIS

DODGE BROTHERS' CARS, DIVISION OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN



Como Bébé está crescido !...

Em breve os calções ou as saias substituirão o pequeno vestido curto de Bébé, e os seus belos caracois, doirados ou castanhos, que hoje constituem o vosso orgulhoso enlevo, terão de cair sob as tesoiras impiedosas.

Bébé só ficará Bébé em fotografias "Kodak"

Mamãs, quando os anos tiverem levado a adorável infância dos vossos filhos, basta-vos-há folhear o vosso Album "Kodak", para contemplardes de novo os encantadores rostos, as graciosas atitudes dos vossos Bébés.

**Em alguns minutos aprenderéis
a manejar o vosso "Kodak"**

Em todas as boas casas de artigos fotográficos vos darão com prazer todas as indicações necessárias para a obtenção dum seguro êxito, desde a primeira tentativa.

Aparelho "Hawk-Eye"

Um dos mais práticos aparelhos "Kodak", notável pela sua precisão. Vários modelos desde 220\$00.

Película "Kodak"

— em embalagem amarela — a película com que estareis sempre certo de obter bons resultados.

Papel "Velox"

Exija as vossas provas sobre "Velox", o papel expressamente fabricado para negativos de amator.

KODAK LIMITED — Rua Garrett, 33 — LISBOA

Chrysler

O AUTOMOVEL DE INCOMPARAVEL VALOR...
O NOME DE INDISCUTIVEL GARANTIA...

PARIS PARA AS MODAS!...

CHRYSLER PARA OS AUTOMOVEIS!...

AGENTE GERAL
A. BEAUVALET
Rua 1.º de Dezembro
LISBOA

DISTRIBUIDOR NO NORTE
ANGEL BEAUVALET
Rua de Santa Catharina
PORTO



O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS
dá á pele uma beleza e uma
frescura incomparáveis.

De finissima qualidade, quasi imperceptivel, não
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A' venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. LIDA 119 RUA DA MADALENA LISBOA

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

**ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELEZA**

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

Rins Cólicas nefríticas X X X
Albuminúria X X X X X
Lesões X X X X X X X

Figado Cólicas hepáticas X
Cirrose, Ictericia X
Congestão X X X X
Diabétes X X X X X

Bexiga Retenção X X X X
Incontinencia X X
Calculos X X X X
Cistite, etc. X X X

Os doentes com estas afecções podem beber sempre a água preparada com os

**LITHINÉS
du
D'GUSTIN**

que é agradável, alcalina, efervescente. É diurética, digestiva, podendo misturar-se com vinho ou xaropes, aos quaes dá um magnifico sabor.

A' venda nas Farmacias.



*Até as Creanças
o Tomam com Agrado.*

Que comédia, ou antes, que tragedia para fazer as creanças tomar qualquer purgante de sabor desagradavel! Os saes de fructa "Eno" não lhes inspira a menor repugnancia, gostando até do seu sabor espumoso e refrigerante

O ENO é um laxativo efervescente tão inofensivo quanto eficaz; abre o apetite e facilita, sem violencia, o bom estado, do intestino, condição essencial á saude.

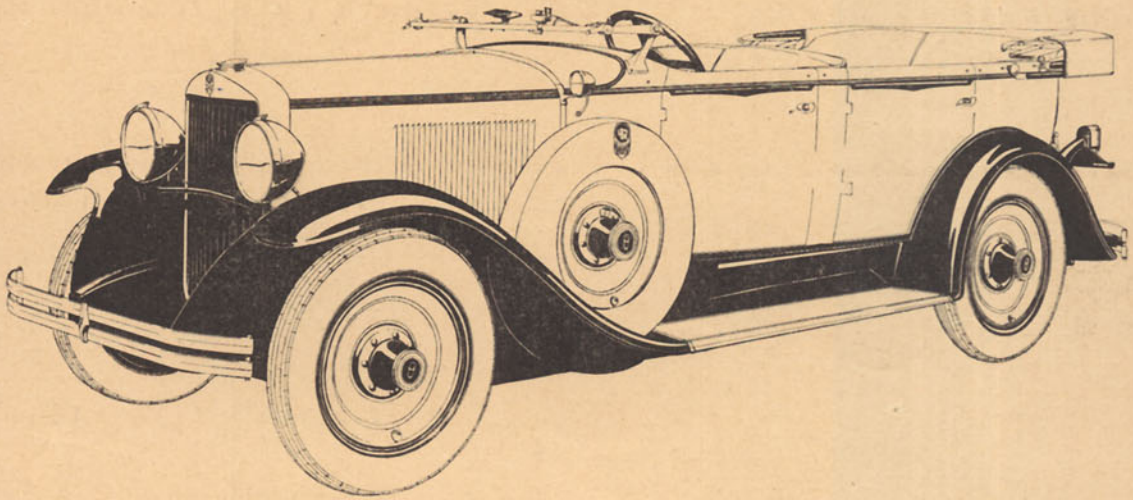
Uma colher das de café, num copo d'água, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & C.º A.T.D.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.



O Novo MODELO 612



A GRAHAM-PAIGE oferece uma variedade de tipos de carroceria, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo, em cinco chassis diferentes de seis e oito cilindros a diferentes preços.

Apresentamos o novo Graham-Paige Modelo 612 como um automovel de excepcional valor — não por um ou dois dispositivos especiais quaesquer — mas sim pela superioridade visível no seu inteiro conjunto. Quanto mais detidamente se examinar o Modelo 612 tanto mais ele demonstrará sua superioridade em tamanho, em construção e em qualidade.

*Joseph D. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

1, Avenida da Liberdade, LISBOA — Salão de Exposição e Serviço, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel. — (P. B. X.) N-2593

Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA} — 129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

k



PETROLEO **OMFO** GAZOLINA

SHELL

OS TREZ REIS MAGOS

THE LISBON COAL & OIL FUEL C^o LTD.

LISBOA—PORTO—COIMBRA—FARO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. da Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procição)
Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 83

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

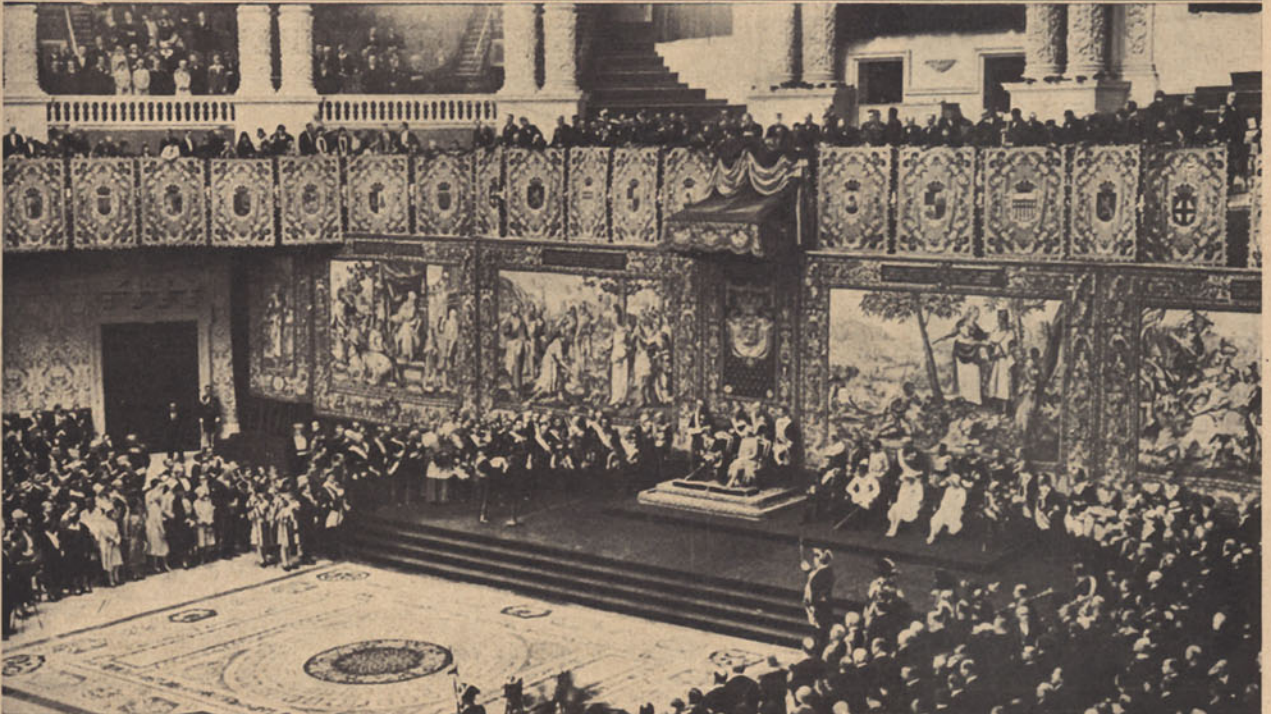
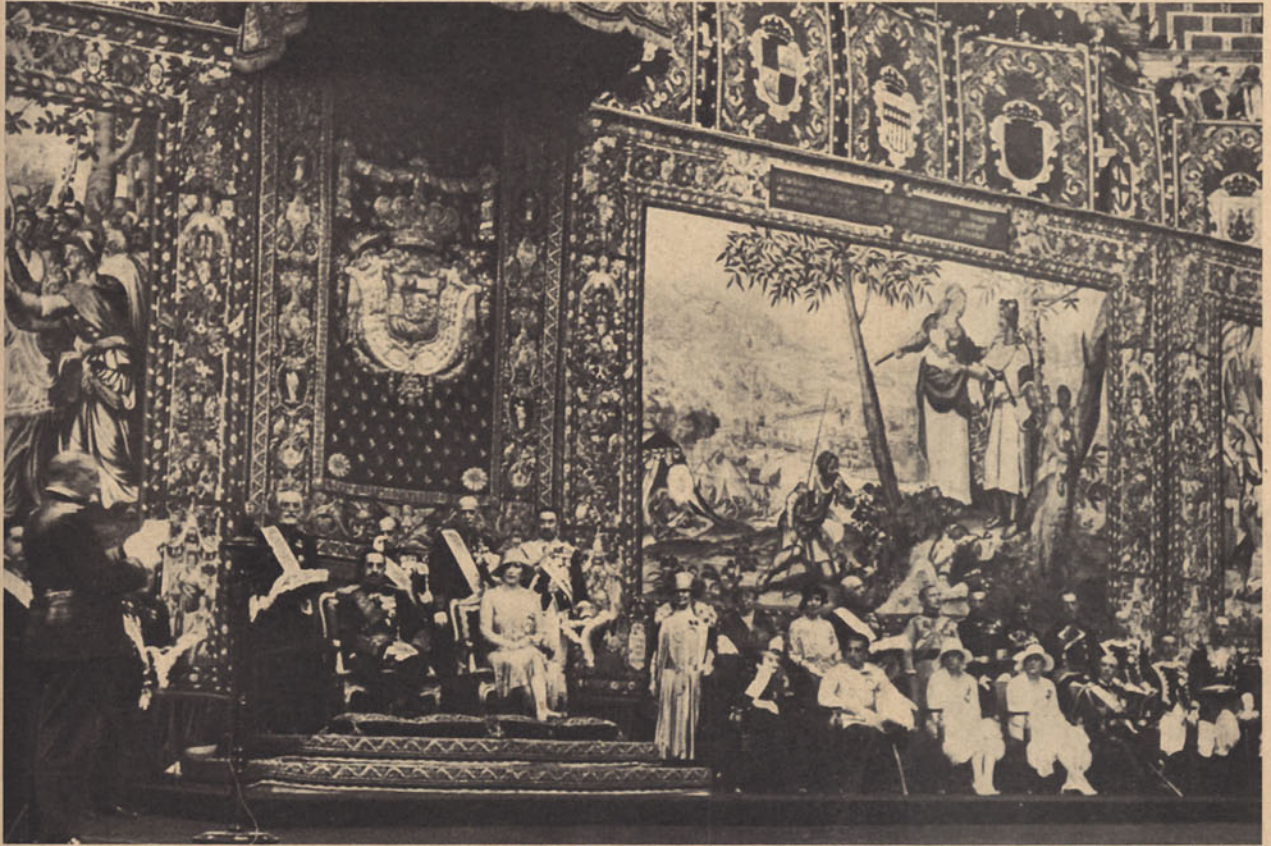
DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : T. 821 a 824

1 DE JUNHO DE 1929



A INAUGURAÇÃO DO CERTAME DE BARCELONA. — Em cima: O general Primo de Rivera pronunciando, ante os soberanos espanhóis, a alocução inaugural. Em baixo: Aspecto do majestoso Salão Nobre do Palácio Nacional de Espanha na Exposição de Barcelona, durante o acto inaugural. (Fotos Ilustrados)

A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE BARCELONA

EM CIMA: — A chegada de Suas Majestades El-rei D. Afonso XIII e Rainha Vitória de Espanha no Palácio Nacional da Exposição Internacional de Barcelona, para presidirem à cerimónia da abertura solene do grande certame que chama à Catalunha, actualmente, turistas de todo o mundo, e que é um dos mais grandiosos que, até à data, se tem organizado em toda a Europa

EM BAIXO: — Sua Majestade D. Afonso XIII pronunciando, na varanda do Palácio Nacional, as palavras sacramentais de abertura do Certame. Em baixo vê-se a Praça de Espanha e parte do recinto da Exposição, com os seus pavilhões e palácios monumentais

(Fotos
«Ilustrações»)





EM CIMA:—As rainhas da Corrida Goyesa, em que triunfou João Branco Nâncio, dando a «vuelta al ruedo» antes do início da tourada de gala. No recorte: A rainha de beleza da Catalunha, S.^{ta} Domenech, na sua calesas.

EM BAIXO:—Vista do recinto da Exposição com a cidade no fundo, tirada dum aeroplano. No primeiro plano o novo Estádio de 60.000 lugares.

(Fotos Ilustrações)

ACTUALI-
DADES



Aspecto da câmara ardente onde, por humildes servos e contadas personalidades, foi velado o cadáver da Ilustre senhora condessa de Edla. — NO OVAL, à direita: A senhora condessa de Edla, viúva de el-rei D. Fernando II, que há pouco se finou na sua residência de Santa Marta, depois de um voluntário recolhimento de muitas dezenas de anos



À ESQUERDA: — O governador de Hong Kong depois dum vôo no «Faircy 20», da A.ção de Macau, pilotada pelo comandante José Cabral. Na foto: Sir Cecil Clement, governador de Hong Kong, Madame Tamagnini Barbosa, esposa do governador de Macau, Madame Cabral e Captain Whyte, ajudante de campo do governador de Hong Kong. (Foto José Cabral). — À DIREITA: Partida de Macau do governador Tamagnini Barbosa que se dirige à Metrópole: a manifestação no cais de embarque. (Foto V. Catela). — EM BAIXO: Grupo de crianças protegidas pela piedosa obra «Catequese de Paula», durante o seu passeio educativo e lanche no Jardim Zoológico em que foram acompanhadas e dirigidas pelo Rev.º Padre Cruz Curralo, devotado director daquela instituição. (Foto Salazar Dinis)



ECOS DA QUINZENA



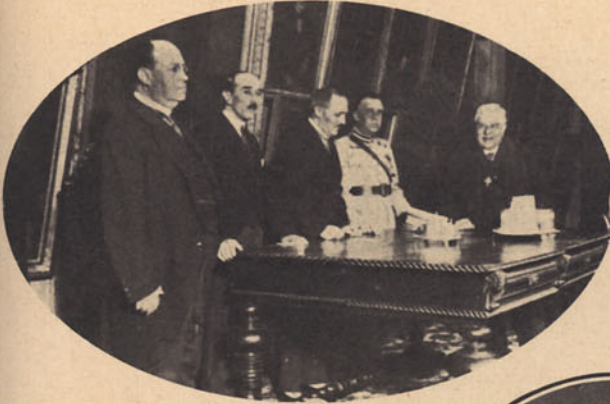
A ESQUERDA: — O ilustre titular da pasta das Colónias, engenheiro Bacelar Bebianno, partiu para Angola onde vai inaugurar o último trço da grande linha de caminhos de ferro do Lobito à Katanga, via importantíssima sob o ponto de vista comercial e civilizador. As despedidas a bordo

EM BAIXO, no oval da esquerda: — A inauguração do Congresso das Misericórdias, no Pôrto. — A mesa que presidiu à abertura, onde se vêem os srs. Governador Civil, Presidente da Câmara, Presidente da Junta Geral do Distrito e Calém Júnior, provedor da Misericórdia do Pôrto

(Foto Alvaro Martins).

NO OVAL, da direita: — O sr. coronel Nunes da Ponte, chefe do distrito do Pôrto, pronunciando o discurso de inauguração do Congresso das Misericórdias

(Foto Alvaro Martins).



NO MEDALHÃO, da esquerda: S. Ex.ª Reverendíssima o Patriarca das Índias, D. Matheus de Oliveira Xavier, falecido em Pangim (Nova Góia), e que foi um dos prelados portugueses mais ilustres por suas virtudes e cultura

EM BAIXO: — Um aspecto do último desafio Pôrto-Lisboa, em que a «equipe» do Norte venceu a do Sul numa partida animada e renhida

(Foto Alvaro Martins)



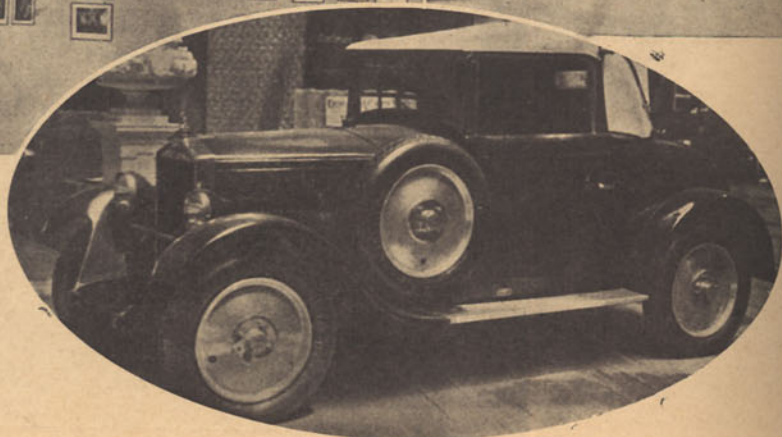
NO MEDALHÃO, do centro: — O escritor Manuel de Orlião Burnay mais uma vez em foco pela aparição, em volume, dos seus opúsculos de crítica «As Patras»

NO MEDALHÃO, da direita: — Monsenhor Nicotra, bispo de Huelva, que foi Núncio de S. S. em Lisboa e que acaba de falecer na Sicília, sendo a sua morte sentidíssima em Lisboa onde grangeára grandes simpatias e respeito

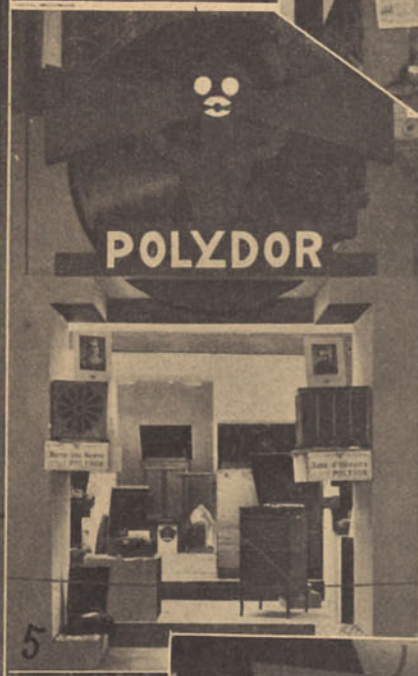
O SALÃO DA PRIMAVERA



(Fotos Alvaro Martins e Salazar Denis)



Da esquerda para a direita e de cima para baixo: — O stand de «Tátá», chapeller en vogue, medalha de ouro no «Salão de Outono», em Lisboa e um dos de maior successo neste certame (Projecto de António Soares). — A orquesta «Orceira Melody Band» que foi um dos mais belos atractivos das festas. — Grupo de gentis senhoras e illustres cavalheiros da colónia brasileira do Porto, com o consul sr. Ademar de Melo, na noite da Festa do Brasil. — O nosso director com o sr. consul de Inglaterra, na noite da Festa Inglesa. — O stand da Companhia Portuguesa «Higiene», de Augusto, onde se expunham os magnificos productos quimicos e de toilette daquelle «laboratório». — As fotos francesas de H. Manuel, de Paris, e as portuguesas de Salazar Denis, ambos fotografos da Ilustração. — O lindo e elegante automovel «La Licorne», exposto pela conceituada firma Santos Silva, L.^{da} de Lisboa e que foi muito admirado



1—Mostruário das fábricas de tecidos Rio Vizella (decoração de Adad). 2—Os magníficos produtos de Beleza Couraça, num lindo stand de Tom e Augusto. 3—Os curvões, cal hidráulica e cimentos do Cabo Mondego, tiveram uma originalíssima exposição em stand de Augusto. 4—A grande casa A. E. G. expõe os seus produtos num vistoso stand de Emmanuel Altberg. 5—Os gramofones e discos Polydor, com os seus amplificadores, fizeram sucesso no stand de Amílcar Pinto. 6—Um stand que chamava a atenção, construído com os materiais Ceresit, de J. Belman. 7—Fábrica da Vista Alegre, a maravilha da indústria de porcelanas finas, a mais célebre fábrica de cerâmica artística da península e uma das melhores do mundo, na sua instalação surpreendente. (Stand de Amílcar Pinto)

(Fotos de Salazar Denis).



NO PORTO



Da esquerda para a direita e de cima para baixo:— O belo stand da «Litografia Nacional» do Porto, que expôs os seus belos trabalhos gráficos e «Monumentos de Portugal» — O stand do Azeite Santa Cruz, dos ateliêrs «Adad». — Um lindo stand de Tom e Augusto expunha o material de incêndios de Pereira de Freitas. — A «Rádio-Porto» expôs, em stand de Tom, os melhores produtos e aparelhos de T. S. F. — O stand dos famosos Vinhos do Porto «Ferretinha» onde se ofereciam gentilmente cálices de vinho excelente. — A grande indústria nacional «Electro-Cerâmica», de Vila Nova de Gaia, num stand de Altberg. — O lindo stand do «Jornal de Notícias», execução de Amílcar Pinto. — O belo stand do «Primeiro de Janeiro» de D. Puaa.

(Fotos Salazar Dents).

As dois grandes jornais do Porto que se fizeram representar no certame endereça Ilustração os mais rendidos agradecimentos por todas as deferências e cooperações recebidas.

MUSEU DO
PRADO
MADRID



VAN DYCK
AUTO-RETRATO

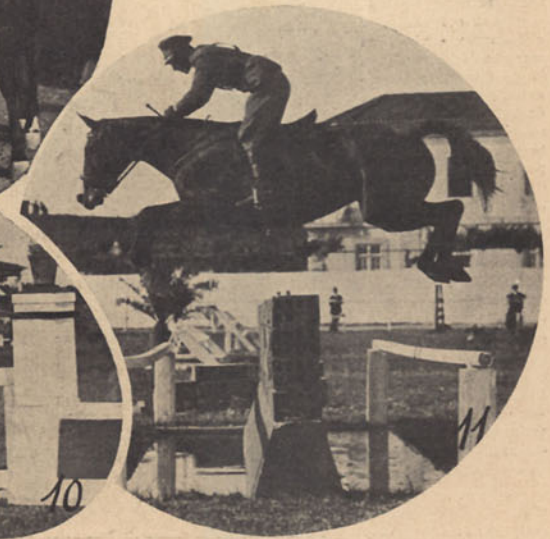
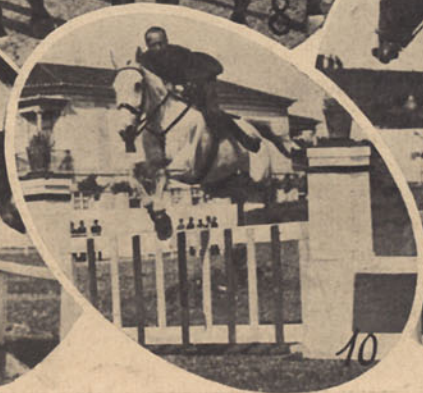
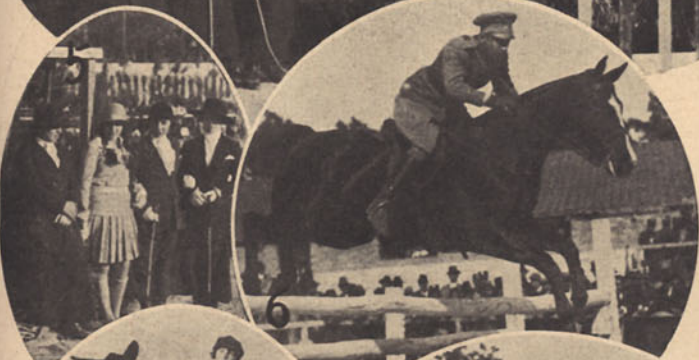


HIPISMO

Duas festas hípicas, portanto festas de subida elegância, se realizaram últimamente em Lisboa com o mais assinalado êxito. A disputa da «Bêcharpe de Amazonas» e «Brassard» Estoril, no novo campo híptico do Estoril (1), deu origem à brilhante competição das nossas mais ilustres amazonas (2) entre as quais a vencedora, D. Mafalda Sobral Dias, a lindos saltos dos nossos melhores cavaleiros (3), e à vitória do exímio cavaleiro alferes Beltrão (4), que ficou detentor do «brassard» e respectiva taça. As pequeninas e galantes amazonas (5) deram um encanto especial à festa. No campo de Sete Rios realizou-se o Grande Concurso Internacional. Américo Gonçalves fez vários saltos excelentes (6); na prova de amazonas, correndo «por fora», D. Tereza Plantier (7) fez o percurso limpo, e ainda José Beltrão com os seus belos cavalos «Basquaise» e «Pigeon Shooting» venceu as provas Palhavã e «Copa de Oro» da Península, rijamente disputadas por montadas como o «Chile» (9) da «équipes» chilena e pelos melhores equitadores espanhóis (10), mercê do estilo inconfundível da sua «Basquaise» (11).

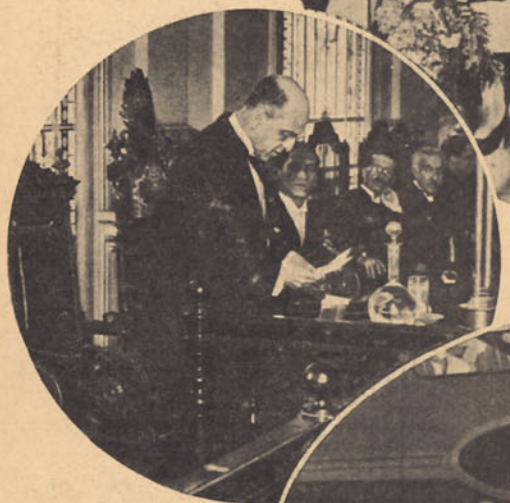
Duas festas hípicas da maior importância e de grande elegância como tôdas as que últimamente se tem realizado em Lisboa.

(Fotos Salazar Dinis)



VISITA
DO SE-
EMBAI-
DO BRA-

AO PORTO
NHOR
XADOR
ZIL



De cima para baixo e da esquerda para a direita: — Chegada à Estação de S. Bento do sr. Embaixador, dr. Cardoso de Oliveira, com sua Ex.^{ma} esposa e filhas. Aguardavam-no o dr. Ademar de Melo, consul do Brasil no Porto, e a Ex.^{ma} colônia brasileira naquela cidade. — O senhor Embaixador e eminente escritor, na recepção da Universidade, lendo o seu formoso discurso. — No atelier-museu de Teixeira Lopes. A senhora Embaixatriz pelo braço do eminente escultor, vendo-se também o dr. Cardoso de Oliveira, consul e gentil consulesa do Brasil, etc. — A presidência de honra do banquete no Palácio de Cristal. O sr. dr. Cardoso de Oliveira tendo à sua direita a Ex.^{ma} esposa do sr. Governador Militar e coronel Nunes da Ponte, e à esquerda a sr.^a Consulesa do Brasil e Rev.^{ma} Bispo Coadjutor. — Aspecto geral do banquete de gala do Palácio de Cristal



(Fotos de Alvaro Martins exclusivas da «Ilustração»)



O pavilhão português em Sevilha. — (Foto Carmona)

A EXPOSIÇÃO IBERO-AMERICANA DE SEVILHA

(NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS BREVES)

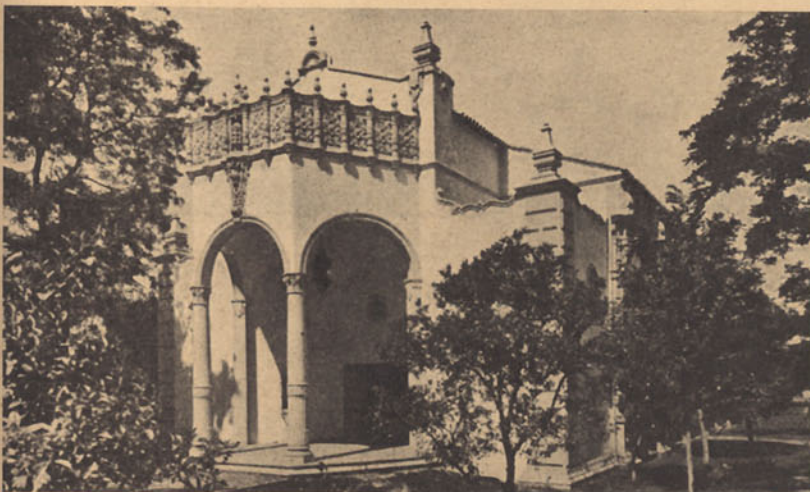
O PAVILHÃO DE PORTUGAL—O DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE—CORDIALIDADE LUSO-ESPANHOLA
—O CONGRESSO MARIANO E A SOLENÍSSIMA PROCISSÃO—A CARAVELA «SANTA MARIA»

O Pavilhão de Portugal atrai a atenção de toda a gente, não só por estar situado, como é sabido, logo à entrada da Exposição, como pela sua formosa arquitectura em «baroco» e pela grandeza do seu conjunto.

É uma pena que o portão principal esteja fechado e destinado só às grandes solenidades. Muita gente, vendo este portão assim, julga que ainda não está terminado o Pavilhão e que não pode ser visitado. Só quem



Os architectos do Pavilhão Português, irmãos Rebelo de Andrade. — (Foto Carmona)



Uma das entradas do Pavilhão Norte-Americano. — (Foto Florez)

tem um verdadeiro interesse consegue averiguar que a entrada é pelo lado da Avenida de Portugal, pelos pátios oriental e ocidental, belos pátios com azulejos com o escudo de Portugal, com as suas fontes e esculturas



Pavilhão das Indústrias do Estados Unidos. — (Foto Florez)

dos nossos navegantes e com as grades de ferro forjado, belamente trabalhadas. Estes pátios dão entrada para o claustro central do edifício em cujo centro, rodeada dum lindo jardim se ergue a «Fonte da Juventude», da autoria de João da Silva, sem dúvida uma bela obra de arte. Entre os dois pátios está o «Salão de Festas», magnífico, e rodeiam o claustro os azulejos com as cenas dos «Lusiadas», obra magistral do dr. Alves de Sá.

Também estão espalhados pelas galerias e jardins alguns belos exemplares de cerâmica de Bordado Pinheiro, e alguns graciosos bonecos das Caldas. Chama a atenção também pela sua riqueza o salão nobre, de que nos ocuparemos brevemente, e a sala das Colónias, talvez a mais interessante de todas, que é uma demonstração do que Portugal faz e tem feito nas colónias.

Dentro do Pavilhão, num local que vai ser aberto ao público brevemente, vender-se-há o nosso vinho do Porto das marcas mais acreditadas e algumas especialidades de doces das diversas regiões.

Os arquitectos, autores do projecto do Pavilhão, irmãos Rebelo de Andrade, estão continuamente a receber muitas felicitações, que são extensivas ao ilustre engenheiro sr. Jácome de Castro, que tem dirigido as obras e tem demonstrado o seu talento e boa vontade na técnica e direcção desta construção que honra Portugal.

Em crónicas sucessivas, ao mesmo tempo que nós ocuparemos dos diversos Pavilhões espanhóis e estrangeiros, iremos dando notícias das diferentes salas do Pavilhão de Portugal, bem como das festas que se realizarão durante a Semana Portuguesa, que, se tiver uma boa organização, será um êxito, pela simpatia que em Espanha se nutre por tudo o que diz respeito ao nosso país.

Como o espaço não nos permite estender-nos muito, vamos dar uma ligeira ideia do que é o Pavilhão dos Estados Unidos da América do Norte, cujas fotografias acompanham esta crónica, e que é um dos Pavilhões que se apresentaram completamente instalados no dia da inauguração.

A representação dos Estados Unidos consta de três pavilhões, sendo um, o principal, dedicado principalmente às recepções, em estilo colonial espanhol, rico em mármore e com um belo pátio central. Nêle estão instalados os diferentes escritórios, secretaria, salas onde estão expostos alguns mostruários industriais, principalmente de material eléctrico. Ao lado está o salão de indústrias e junto a êste um belo edifício em que funciona um cinema, onde se exibem continuamente filmes que nos demonstram a grande riqueza industrial e agrícola dêste país.

• •

Com motivo da estada em Sevilha da esquadriha naval portuguesa realizaram-se

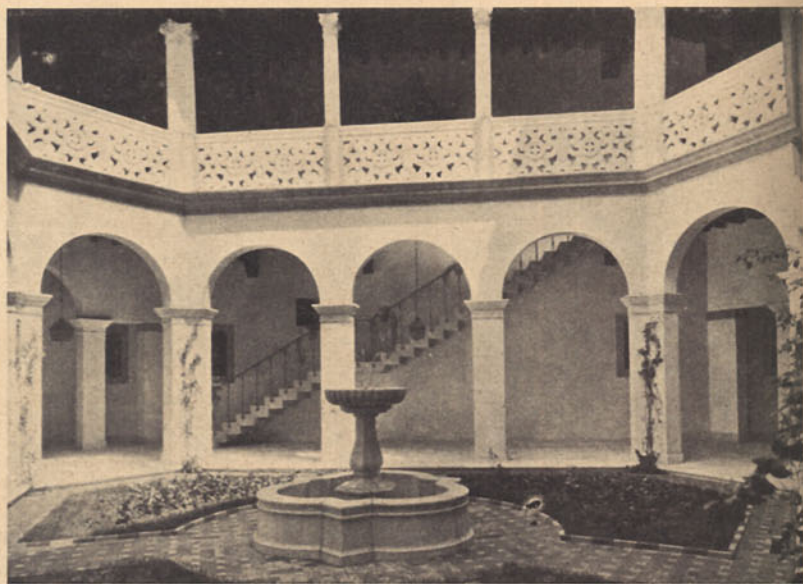
algumas festas em honra dos oficiais. Uma das que mais agradaram à officialidade superior, foi o almoço dado por S. M. o Rei no Alkazar, ao qual assistiram os comandantes do cruzador «Vasco da Gama» e dos torpedeiros «Vouga», «Tâmega» e «Guadiana», bem como o general Primo de Rivera, o Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal e Embaixador em Madrid, sr. Melo Barreto.

Depois do almoço S. M. o Rei, pessoalmente, mostrou à officialidade portuguesa os magníficos tapetes da Casa Real e todo o Alkazar e os seus jardins bellissimos. Os officiaes saíram encantados com a cordialidade e simpatia com que foram recebidos por Suas Majestades e pelas formosissimas Infantas.

Na vespera da partida o sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros e sua excellentissima esposa ofereceram um chá a bordo do «Vasco da Gama».

Ajudaram a fazer as honras o sr. Embaixador em Madrid e o comandante e officialidade do «Vasco da Gama», bem como as belas filhas do comandante, Mesdemoiselles Magalhães Correia, que foram apresentadas a muitas meninas da melhor sociedade de Sevilha. A festa esteve muito animada, tendo-se dançado até perto das dez horas da noite. Assistiram as autoridades sevilhanas, o general Primo de Rivera, todo o Corpo Diplomático que se encontrava em Sevilha e muitas senhoras da alta sociedade sevilhana.

A noite, depois desta solenidade, o comandante do contra-torpedeiro «Vouga», sr. capitão Herz, deu uma festa íntima a alguns officiaes dos outros contra-torpedeiros, à qual assistiram algumas personalidades espanholas, entre elas o capitão de artilharia D. Rafael Villegas o magistrado sr. Summers e quem estas linhas escreve, tendo havido saudações mutuas de cordialidade luso-espanhola, e tendo-se prolongado a reunião até perto da meia noite entre a alegria e boa harmonia dos convivas que guardarão, de certo, daquela festa cativante uma bela recordação de camaradagem e simpatia. Ajudou a fazer as honras ao comandante Herz, o imediato do «Vouga», 1.º tenente sr. Roma.



Pátio central do Pavilhão Principal dos Estados Unidos. — (Foto Florez)



Caravela «Santa Maria», cópia exacta da que levou Cristóvão Colombo à América. — (Foto Carmona)

Ultimamente celebrou-se em Sevilha o Congresso Mariano, ao qual assistiram arcebispos e bispos de Espanha, Portugal e América. Os prelados portugueses que assistiram foram os Il.^{mos} Rev.^{mos} Arcebispo de Évora e bispos de Leiria, Beja e Vila Real. Assistiram mais de vinte mil congressistas, e no dia do encerramento do Congresso celebrou-se uma Procissão magna que foi uma nota emocionante pela quantidade de pessoas que assistiram, pela felicidade da organização e pelos vivas que se deram à *Virgem dos Reis*, ao Papa, ao Cardeal Legado, ao Rei e ao Infante D. Carlos que ia em representação de S. Majestade. Também a Infanta D. Luísa e suas filhas receberam grandes manifestações de simpatia.

A procissão só assistiram homens que iam de rigorosa etiqueta com as suas bandeiras e medalhas. Concorriam representações do exército e marinha, grandes de Espanha e todas as Congregações Marianas de Espanha. Presidia o sr. Cardeal Legado de S. S. o Papa assistido por todos os cardeais, arcebispos e bispos que se encontravam em Sevilha.

Faziam as honras às diversas imagens da Virgem forças do exército e da marinha, e as ovações sucediam-se às imagens e à passagem das bandeiras.

Foi uma demonstração de verdadeiro catolicismo e patriotismo. Todas as senhoras de Sevilha e das províncias (calcula-se que vie-

ram de fora mais de 300.000 pessoas), estavam em tribunas especiais, cantando à passagem das imagens, e junto da tribuna da Câmara havia uma outra reservada para as «filhas de Maria» dos colégios mais importantes de Sevilha que entoavam cânticos litúrgicos.

Numa outra tribuna levantada defronte desta, cantaram e dançaram os «ciscis» da

Catedral ante a imagem da Virgem dos Reis e de todos os prelados estrangeiros.

Foi uma festa soleníssima.

Para terminar, não nos queremos esquecer de mencionar a alegria com que foi recebida em Sevilha a chegada da caravela «Santa Maria», reprodução exacta daquela outra que levou Cristóvão Colombo quando foi à descoberta da América. A reprodução foi dirigida pelo ilustre oficial de marinha sr. Guillen, especializado em assuntos histórico-navais. Veio de Cadiz e entrou solenemente em Sevilha no dia da inauguração da Exposição. Foi visitada por SS. MM. os Reis e actualmente está sendo visitadíssima por toda a gente que vem a Sevilha.

Nós tivemos o prazer de visitá-la em companhia do oficial da caravela sr. Nuñez, e foi-nos oferecido um copo de vinho andaluz em taças da época como de resto é tudo o que lá dentro existe. Felicitamos o comandante sr. Guillen pelo acerto de reconstrução e seu êxito entre as curiosidades da Exposição Ibero-Americana.

Em crônicas sucessivas iremos informando os nossos leitores das muitas maravilhas que encerra a Exposição Ibero-Americana que juntamente com a Internacional de Barcelona atrai a atenção do mundo inteiro para esta progressiva Espanha.

Sevilha, Maio 1929.

LUÍS DIAS AMADO HERRERO.



Entrada do Pavilhão Principal dos Estados Unidos (Foto Florez)

POR ÊSSE MUNDO

Esse ignorado, escondido perfil de mulher que foi Elisa Henster, condessa de Edia e esposa morgânica do rei D. Fernando, teve a arte suprema de passar sessenta anos despercebida de todos, sem que ninguém desse por ela, se lembrasse de que, a dois passos da maior arlória da capital, vivia a viúva dum rei, a bem amada de alguém que, por vezes fizera frente aos políticos e generais do turbulento período constitucional inaugurado em 34... Que arte suprema a dessa mulher que, de cantora ruidosa e alacre do teatro lírico passou para uma capela de S. Domingos de Benfica, e, daí, para os braços dum monarca vivendo um grande sonho de arte e de amor! Que arte suprema a dessa criaturinha que soube depois esconder-se, passar despercebida, ignorada, até mesmo quando morto o marido, os grandes jornalistas a abocanharam, assacando-lhe vampirismo de heranças e misérias sem conto... E ela silenciosa, vivendo para o seu luto e a sua grande saúde, para a recordação dum grande sonho morto!... Foram morrendo os reis, as rainhas, os príncipes; vieram os tempos agitados e nervosos da propagação do novo regime, veio o 5 de Outubro; vieram as muitas revoluções e sanguetas. E ninguém dava por ela, ninguém dela se lembrava, tanto e tão bem soubera apagar-se, mostrar que nada queria, que não fôra ambiciosa... Morreu há dias com 93 anos. E morreu sossegadamente, obscuramente — tão ignorada e tranqüila como vivera... Como ela soube encerrar a vida, tão certo é nada haver de melhor no mundo do que fazer com que não dêem por nós!

No Pôrto inaugurou-se há dias o Congresso das Misericórdias. Aplaudimos e tornamos a aplaudir. Que nem tudo sejam tristezas nestes apagados tempos que ora decorrem... Porque as Misericórdias são o mais legítimo título de orgulho do nosso esforço civilizatório, a sugestão piedosa dum santo frade valenciano — Frei Miguel Contreiras — pressurosamente acolhida e posta em prática por um maritizado perfil de soberana portuguesa — a Rainha D. Leonor... Não cabe nos estreitos limites desta nota o relatar o que foi e tem sido entre nós a acção das Misericórdias em terras de Portugal, nem isso é preciso porque o exemplo é de todos os dias. O seu decanato é preciso que cesse e que aquelas beneméritas instituições voltem ao velho esplendor que lhes deu em tempos a bondade da pobre soberana e a caridade dos seus continuadores até há algumas dezenas de anos. A fé sem obras — dizia um dos apóstolos — é morte: que todos nós contribuamos na medida do nosso esforço para o desenvolvimento dessa formidável obra de caridade, e que do congresso agora realizado saia o retorno ao antigo e piedoso esplendor...

A imprensa cumpre nobremente uma missão nobilíssima quando nos seus sueltos, nos seus écos, no seu noticiário, vai pugando por regalias para quem as mereça, vai reclamando contra abusos, injustiças ou negligências que prejudiquem a comunidade ou particulares dignos de estima. As vezes, porém, por boa fé, por excesso de bondade ou amabilidade ou ainda por gratidão mal compreendida, a imprensa daria excedê-se na elogiosa protecção a certas entidades em prejuízo de outras, cujos interesses colidem com os dessas e que são tão dignas de justiça como as primeiras.

Vem isto a tálho de foice a respeito das reclamações contra a C. P. a pretexto da supressão das paragens de certos combóios em Mogojores. Não há razão! Temos o sentido das proporgões!... A Curia não tem a importância turística precisa, a pesar do seu novo-riquismo hoteleiro, para exigir, além dum apeadeiro próprio, quasi de uso particular dêste ou aquele proprietário local, onde param os combóios rápidos e os de longo curso ordinários, paragens de combóios, sem mais justificação, na estação de Mogojores. Seria demasiado privar Oliveira do Bairro, importante localidade, da sua impor-

lância ferroviária, para servir ainda melhor a população flutuante da Curia que já gosa de um apeadeiro privativo, peze, repellidos à sua qualidade de simples estância burguesa de curas transformada à força em centro cosmopolita (?) de turismo sem outras condições naturais que não seja uma miniatura do Jardim da Escola Politécnica, o jazz-band do Palace e a batotinha amena do Casino. Não levemos tão longe a nossa gratidão, queridos colegas diários!

Ortígio Burnay lançou no mercado, em colecção completa, o seu panfleto As Farças. O esforço dêste moço e fecundo escritor, num meio, como o nosso, tão ingrato às convulsões de opinião como propenso às de estômago, é um esforço magnífico e respeitável. Em As Farças abundam belos pedaços de sarcasmo e a sua rotulagem de «crítica construtiva» não é abraiçada pela linha geral do conjunto da obra. Não sabemos se a leitura dêstes panfletos terá sido tão espalhada quanto o autor sonhou mas cremos bem que terá sido produtiva para aqueles que nela empregaram seus ócios.

A abertura das Exposições de Sevilha e de Barcelona constituiu um êxito completo e disso nos orgulhamos por se tratar dum cerlame aonde Portugal caprichou em mandar o que de melhor poderia enviar, e ainda porque a amizade hispano-portuguesa não pode continuar no domínio das retóricas inúteis. Somos irmãos de raça latina e por certo dos mais chegados: os vãos discursos, as comemorações patrióticas ou fanfarronadas ridículas que possam comprometer essa amizade, desprezamo-las, repellido-las por contrárias até ao interesse nacional. Os dois povos peninsulares têm uma grande tarefa comum a desempenhar no decorrer incessante dos tempos: o continuarem a obra formidável de civilização há séculos começada.

E a Exposição de Sevilha, na qual todos os países de língua portuguesa ou espanhola se encontram representados, constitui portanto para nós aquele justo título de orgulho a que já nos referimos. A civilização dos países ali representados proveu de nós, portugueses e espanhóis.

E a propósito de Espanha vem a lume falar da «Semana Galega» em projectos. Vemos nos jornais que está nomeada uma grande comissão organizadora, comissão de honra, etc., aliás compostas por pessoas a quem, individualmente, tribulamos estima e até, para algumas, veneração. A Ilustração que, pela sua liragem e pela sua categoria é, digamo-lo sem modéstia, a primeira, a mais importante das revistas portuguesas e que tem já uma obra de aproximação luso-espanhola inteiramente efectiva, sa sério, sem que o seu hispanofillismo se traduza apenas no envio de redactores em férias a comer banquetes de homenagem, a Ilustração que já se batia pela aproximação intelectual dos dois povos da península quando alguns dos que agora grilam lissanias ainda se derreliam em parangonas hostis por ocasião do 1.º de Dezembro, a Ilustração que conta nos seus colaboradores os insosfismáveis valores espanhóis da actualidade, não recebeu corvile nem sugestão para se representar na Assembléa que elegeu as comissões aludidas. Não sabemos a que obedece a exclusão da nossa revista mas aqui, bem alto, formulamos o nosso protesto porque a Assembléa electora não tivesse marcado, bem fortemente, o seu respeito por três galegos, talvez os mais illustres e os mais amigos de Portugal e de alta estirpe intelectual; Don Ramon del Valle Inclán, o Senhor Marquez de Figueroa e D. Wenceslao Fernandez Florez.

Foram esquecidos, tal como a Ilustração?... Ora estamos em muito boa companhia!...

Quem se interessa por livros e velharias bibliográficas, recebe constantemente catálogos de bibliotecas magníficas, a leiloar dentro de dias

ou semanas perante a cupidéz de vários cambões e a inveja inútil de muitos colecionadores. Sucede assim trem parar a longes terras autênticas preciosidades, coisas raríssimas que os nossos estabelecimentos de leitura pública já-mais possuiram nem possuirão porque a sua exigua verba para compras lhes não permite vãos largos...

Mas, se nos reportarmos ao que se passa lá fora — e não será preciso citar grandes países — veremos como tudo se passa ao invés de cá. Ainda há pouco mais de quinze dias o governo da Colombia resolveu adquirir a biblioteca de um dos seus ex-presidentes D. Marco Fidel Suarez, o qual, além de político fôra também um notável filólogo. A dita biblioteca tem apenas uns 1.000 volumes, mas entre êstes figuram exemplares raros e valiosos. Para coarçar o seu gesto o governo colombiano adquiriu a propriedade illerária das obras de Fidel Suarez e vai edili-las à sua custa.

Como tudo isto é honroso para um país e triste para nós!...

O teatro decaiu, pouco a pouco, mas já em proporções inquietadoras, dizem as autoridades do meio, os críticos e até o público. Efectivamente, assim é.

Mas, para tão grande mal de decadência não acham os autores outro remédio senão o de escrever peças a granel, sem tom nem som, de adaptar, numa vertigem de enriquecer, tôda a escumalha do estrangeiro, de traduzir, verter ou inverter tudo quanto de mau teatro se produz fora de fronteiras. Por seu lado, para o mesmo mal, a crítica, na generalidade, acha um remédio cômodo; calar-se quando os autores e actores são rapazes amigos ou armar um escarudo de mil demônios porque tal actor escangalhou uma peça... que já, de nascença, era aborrecido de resistir a tôdas as ortopédias. O público, êsse, o bom público caluniado, deixa-se ir; não procura remédio para o estado de coisas, limita-se, bondosamente, a aborrecer-se e a pagar o bilhete. Todos falam da crise. Mas ninguém disse ainda que ela é fatal, que sempre assim foi antes de loda e qualquer época de renascimento e que, para apressar o final desta época de vacas magras só com uma acção conjunta, uma ofensiva em que os autores procurem ter talento em vez de automóvel, em que os actores representem e estudem em vez de gritar e pedir elogios, em que as actrizes saibam melhor dizer do que irigir, em que a crítica... essa... não conheça ninguém dos palcos adentro.

Não há muito que, num artigo desta revista, um dos nossos colaboradores lamentava a grande miséria dos chineses que vagabundavam pelas ruas da capital vendendo bugigangas de papel recortado, numa dolorosa senda que talvez tivesse início na fuga aos horrores da eterna guerra civil que vai naquele santo e apraivel país. Oh demo, que tal dissesse! Fômos logo, pelo telefoné, intimados por um funcionario diplomático chinês a desmentir a miséria dos simpáticos vendedores ambulantes, sob pena de civillizadas represálias sobre os portugueses que eventualmente estivessem na China! Casus belli!... Entíamos e... até acreditámos, de súbito, que não havia chineses pobres. Encanador paraíso seria a China loda, só com argelários, de rabicho e blusa, a vender, por sport, em todo o mundo, as lindas bugigangas de papel!... Mas agora ltopamos, nessas ruas lisboetas, com um saltimbanco chinês, pele bruniada, de oiro esverdeado, a camisa rasgada a deixar entrever o esquadilho torso, um victus de selvática miséria a franzir-lhe os pomulos salientes. Tange um gong o pobre funâmbulo, e vai exibindo as suas pelotiques de esfomeado e pedinchando, em redor, com uma cubiça amarela nos olhos fendidos!... Pobre chinês!... E nós a pensarmos que os chineses são todos ricos, sob a protecção eficaz dos seus diplomatas!...

A CRUZ DE MAFRA

Agora que os sinos de Mafra ressuscitaram e com elles a memória dos frades e do rei fundador vem a pelo recordar uma história alegre do tempo da fundação da Real Basílica.

Caetano José da Silva Soto Maior, corregedor da côrte, amigo pessoal de D. João V e poeta repentista de tão raro valor que merecera a alcunha de «Camões do Rossio» não gostava dos jesuitas. O seu malquerer aos padres de Loyola houvera motivo no que segue.

Uma noite, pelas dez horas, alguém se dirigiu à ronda da cidade pedindo que um dos seus homens de cavalo fosse breve chamar um sacerdote para ouvir de confissão uma pessoa de família que perto agonisava. Caetano Soto Maior, que em pessoa comandava o troço, dirigiu-se a galope à portaria da Casa Professa de S. Roque. Ah, o irmão porteiro lhe disse ser praxe da regra não poder nenhum dos padres daquela casa sair depois de dadas nove horas.

Soto Maior ouviu e conquanto estranhasse um pouco tal rudeza de preccito para caso tão grave, não fêz maior reparo e admitiu a negativa. Conventos não faltavam nas im-

O «CAMÕES DO ROSSIO», E OS JESUITAS

dições e logo mais abaixo encontrou na portaria mais generosa dos frades trinos o sacerdote disposto que precisava, não pensando mais no caso.

Quis porém o diabo que, dias depois, descendo o mesmo troço de guarda a rua de S. Roque, já meia noite dada, o seu comandante lobrigasse dois jesuitas que à pressa recolhiam à Casa Professa.

Caetano Soto Maior, vendo-os, gritou aos seus homens que cercassem e aos padres que fizessem alto. Debalde os dois clérigos se esforçaram a dizer que eram funulos da Casa de S. Roque. Caetano Soto Maior teimava que não.

— Dois gatunos, dois miseráveis, encober-tos e disfarçados com êsse santo hábito é que vocês são! Demais sei eu que os Padres de Loyola, por sua santa regra, não saem depois das nove horas... Nem para um moribundo! Ouviram? Nem para um moribundo!...

E, sem que chóros ou razões o pudessem demover, gritou aos seus homens:

— Estes marmanjos para o tronco! Hei-de ensinar-lhes a respeitar o santo hábito da Casa Professa!... Para o Tronco! E os padres lá foram para o Tronco a célebre e suja prisão da cidade, ali a Santo António onde tiveram de passar a noite na ruim companhia de todos os bebados e vândios que a ronda para lá atirou.

O caso fêz barulho em tôda a cidade.

O Provincial dos Jesuitas não era pessoa com quem se brincasse e queixou-se amargamente ao rei da partida do «Camões». D. João V amansou o padre e repreendeu o amigo. No íntimo, gostou...

Daf para o futuro declara-se uma guerra surda entre o «Camões do Rossio» e os padres de S. Roque.

Estavam as coisas nestes termos quando chegou o dia solene da Sagração da Basílica de Mafra.

Bispos, priores de tôdas ordens, frades de todos os conventos, a côrte, os fidalgos, os diplomatas, todos foram com El-Rei assistir à cerimónia deslumbrante da Sagração do Templo e da benção do edificio.



Vista geral do convento de Mafra (inédita)

(Foto «Ilustração».)

Por deferência especial do bispo sagrante e a pedido de El-Rei coube aos provinciais das várias ordens benzer várias partes do edifício e o hissope passou das mãos do Prelado às do Provincial Franciscano e destas para outras até que, por aviso de Caetano Soto Maior, foi lembrado o Provincial dos Jesuítas que todos propositadamente esqueciam.

Faltava benzer o cruz alta do topo da cúpula. Da parte de El-Rei foi então convidado o Jesuíta que de bom grado aceitou tamanha honra pensando que do cirado daria fim à cerimónia mas mal elle tomou nas mãos o hissope, como por encanto, surgiu de algures uma escada estreita, oscilante, de muitos degraus, que num ápice foi encostada ao corpo da tórre. O padre Provincial era gordo. As vestes roçagantes da cerimónia abafavam-no e tolhiam-lhe as pernas curtas. A escada como já se disse era estreita e desabrigada de corrimão. O padre olhou os degraus e tremeu. Enviesou para o corregedor um olho envenenado mas teve de subir... Um degrau... mais outro... O pêso do padre fazia tremer a escada. O hissope não lhe deixava livre a mão direita, as roupas talaes embargavam-lhe os movimentos. O desgraçado



O carrilhonador belga Theo Aériens, tocando

suava sentindo postos em si todos os olhos daquela multidão selecta e entre todos os de El-Rei, e pior ainda, os do corregedor.

Num esforço titânico, para maior glória de Deus, avançou três degraus. O suor empastava-lhe nos temporais os cabelos das madeixas. De vez em quando, com demoras trémulas, encostada a barriga ao degrau superior, erguia o cachaco roliço e olhava a cruz que ficava lá em cima, terrivelmente em cima...

Novos suores e mais um degrau. Outro ainda. A escada tremia como um vime. Um

arripio nervoso sacudia o jesuíta. O padre não podia mais. Faltavam-lhe as forças; as lages do cirado chamavam-no com uma atracção diabólica. Sem forças, quasi a desmaiar, dali mesmo brandiu três vezes o hissope abençoando intencionalmente a cruz inacessível.

Numa tremura de maleitas, atrapalhado com o pluvial, desceu com os olhos cerrados, degrau por degrau a escada maldita e cambaleando, enxugando-se, ofegando, deu a custo uns passos até que o ampararam e retomou alento.

D. João V que sorria maldosamente durante tóda a scena, quis de balde tomar um ar severo para repreender o corregedor da côrte.

Apenas conseguiu dizer-lhe, finda a cerimónia, esta leve censura:

— Foi demais, Caetano!

A que o fidalgo respondeu:

— Meu senhor, muito mais sofreu o divino mestre a subir a escada do Pretório...

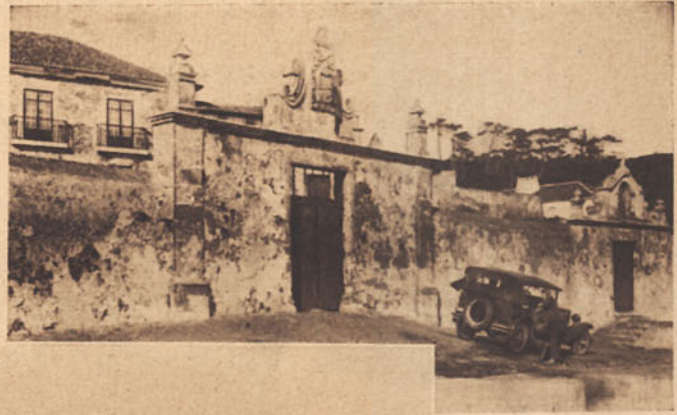
A guerra acabou com a vitória dos jesuítas. Um filho de Caetano da Silva Soto Maior tomou o hábito de Loyola sendo mais tarde um ornamento da Casa Professa de São Roque!... CASTELO DE MORAIS.



No dia da ressurreição dos sinos. — O povo no adro do convento

A CASA PORTUGUESA

QUINTA
DE S. TOMÁS
DE VILA NOVA
ILHA TERCEIRA



AO PRIMEIRO BARÃO DO RAMALHO SE DEVE A CONSTRUÇÃO DESTA CASA, REALIZADA EM 1634. COMQUANTO TENHA SOFRIDO ALGUMAS MODIFICAÇÕES, COMO — POR VENTURA — A TRANSFORMAÇÃO DUM ALPEN-



DRE NO TOPO DA ESCADA, É TÍPICAMENTE PORTUGUÊS ESTE SOLAR, COM SUA ESCADARIA EXTERIOR, SEU PORTAL BRAZONADO E A CAPELA DE TÃO CARACTERÍSTICA FACHADA. INTERIORMENTE CONSERVAM-SE AINDA NA DECORAÇÃO DOS TECTOS AS ARMAS DOS DOIS RAMOS DE SOBREZA, FONSECAS E ORNELAS, CUJO REPRESENTANTE — O DR. ANTÓNIO DA FONSECA CARVÃO PAIM DA CÂMARA — É AINDA AGORA O PROPRIETÁRIO DESTA SENHORIA VIVENDA.

(Fotografias de José Lette)

CARMEN VIANCA

A FORMOSA "ESTRELA" CINEMATOGRAFICA ESPANHOLA NO "ECRAN" DA ILUSTRAÇÃO.



Carmen Vianca

Carmen Vianca e La Romerita ocupam os primeiros postos entre as «estrelas» espanholas do cine. Heute, em época ainda recente, — se o leitor é bom aficionado, deve lembrar-se bem — uma grande celeuma tauromáquica à volta dos nomes famosos do desventurado Gallito e do trianero Juan Belmonte. Ao toncio artístico e affigranado de Joselito, opunha-se o toncio trágico e revolucionário do ídolo de Triana. Gallistas e belmontistas proclamavam tão fervorosamente as excelências do respectivo «maestro», que não era raro deparar-se, no calor da discussão, com uma ou outra cabeça escarlavada. Por Carmen Vianca e pela Romerita ainda ninguém escalavrrou a cabeça, que eu saiba, o que só põe em evidência o indiscutível mau gosto de *nuestros hermanos* de àquem-fronteiras. Mas o partido já está formado. Os dois nomes prestigiosos começam a ser desfraldados como bandeiras políticas. Carmen Vianca, espicçada pela nossa diplomacia, confessa:

— Realmente, assim é. As pessoas que nos rodeiam tratam de nos separar, mas o elemento da nossa amizade é suficiente para conter a investida de tão... desinteressados admiradores. Tenho o maior respeito pelas altas qualidades artísticas da minha querida companheira, e, ainda que pretendam convencer-me do contrário, sei bem que ela me paga com a mesma moeda.

Como se vê, a nossa inteligente entrevistada acaba de dar uma nobre lição, com as

suas declarações leais, áqueles do outro sexo, que tãda a gente deu em chamar forte e que fizeram da política pasto das suas paixões mesquinhas. Ainda temos, graças a Deus! muito a aproveitar das mulheres.

— De resto, — observa a grande artista — devo-lhe dizer que não compreendo como esses dedicados amigos hão de só reparar



Carmen Vianca de «Maías»

em nós, quando temos em Espanha algumas outras que, pelo seu valor, mereciam, valha a verdade, chefiar novos grupos...

— Por exemplo?...

— Maria Luz Callejo *és una muchacha*



Em «La Hija del Corregidor» com Algabeño

ROMERISTAS E VIANCISTAS —
— UMA MULHER COMO DEUS
MAS QUE NÃO ARRANHA
PORTUGUESES —

cha que vale mucho. E, como ela, outras mais.

— E outros?...

— Valentin Parera tem muito talento. Pena é que, havendo em Espanha, como há, elementos tão aproveitáveis, todos trabalhemos tão pouco e não se possa avaliar o rendimento das nossas qualidades.

— E a que é devido isso?

— As coisas do cinema, em Espanha, ainda estão muito mal organizadas. O capital dificilmente confia em nós e, quando confia...

A bom entendedor, reticências bastam.

— Em quatro anos, eu tenho no meu «chavero» dez filmes, sempre com papel de protagonista. E sabe com quantos directores? Com sete! Por aqui se pode fazer uma ideia.

— Os nomes desses filmes...

— *Mancha que limpia*, arango do drama de Echegaray do mesmo nome, *La casa de La Troya*, do famoso romance de Perez Lugin, *La Hija del Corregidor*, *El Lazarillo de Tormes*, *Gigantes y Cabezudos*, *Tierra Valenciana*, *La loca de la casa*, *Las de Mendez*, *Una mujer española* e *Viva Madrid* que

VOCAÇÕES TAUROMÁQUICAS
— GATINHA QUE MIA
— PORTUGUESAS E
— DE QUEIRÓS

es mi pueblo!, que teve grande successo na estreia, recentemente, no Cine Avenida, da Gran Via.

— E, desses papéis, prefere...

— A «Carmiña», de *La Casa de La Troya*.

Foi o que me deu o nome que tenho. No entanto, sempre que trabalho, não regateio uma pontinha de alma nem nenhum dos meus melhores entusiasmos.

— É galga, não é?

— Não; sou *gatta*.

Alto! Esclareçamos. Chamam-se *gatas*, em Espanha, às mulheres nascidas em Madrid. Porquê? A fantasia das leitoras supre



Em «La loca de la casa»

a nossa ignorância sobre a origem do termo. Parece-nos, contudo, justo. A madrileña tem mais de gata que de rata. Os ratos somos nós, os que lhes caímos nas unhas.

— Sou *gatta*, sim senhor.

— Arranha?

— Não; só mio.

— E quando mia?

— Quando é preciso. Há muito atrevido por este mundo. Eu sou mulher como Deus manda, muito de sua casa, e aquele que me pretender tem que vir disposto a cumprir com a lei de Deus.

— Não é difícil.

— É verdade. Mas, em todos os actos da minha vida, quando os sinto bem, entre-



Uma expressão de Carmen Vianca

go-me de alma e coração e agora estou completamente absorvida com a minha arte.

— Ganha muito dinheiro?

— Quasi nada. Como lhe disse, isto em Espanha, ainda está muito atrasado. Para poder viver, com certa decência, vêjo-me obrigada a conservar o meu emprêgo de dactilógrafa na Presidência do Conselho de Ministros.

A confidência acentuemos, é dum dos nomes mais cotados da cinematografia espanhola.

SEAVON.



Em «La loca de la casa» de Perez Galdós

GRANDEZA E SDE PORTUGAL

PADRÕES DE NOBREZA PADRÕES DE TRABALHO

BARCELOS NO PASSADO E NO PRESENTE



Pebarinhal de Barcelos

JUSTIFICAÇÃO NECESSÁRIA

A escolha de Barcelos, para início deste inquérito histórico-monumental, obedeceu, em primeiro lugar, a motivos de ordem sentimental, estando o cerção dum dos autores ali preso por laços do sangue, o do outro pelas amarras da gratidão e o de ambos pelos elos indestrutíveis da amizade. Mas entre muitas razões poderiam também justificar a primazia.

Barcelos é hoje a cidade mais nova do Minho, uma das suas povoações mais centrais, o concelho talvez de maior área e população do país, com as suas noventa e cinco freguesias, e uma das terras de mais gloriosa e dilatada história. A sua origem esfuma-se no horizonte indesejo dos tempos, e não houve ainda investigador ou erudito que descobrisse a etimologia do nome ou a data da fundação.

Seriam os seus primitivos habitantes denominados *barracianos*, de Barra Celanis, barra do rio Celano, nome que davam ao Cávado ainda em tempo dos romanos, ou advir-lhes-ia a designação duma espécie de alcaunha, os homens da Barca Coeli, que segundo é fama, punha, em comunicação as

duas margens antes de o rio ser cortado pela ponte?

Mas, existindo na Catalunha o nome de Barcelona, e, na Galiza, o de Barcella, não se lhes deverá buscar padrinhos comuns de baptismo, que, para alguns, deveriam ter sido os árabes?

Por outro lado, sendo o Minho uma das regiões onde ainda se não diluiu completamente o *substratum* das velhas raças, não serão de procedência celta os nomes de muitas das suas povoações?

E não se poderia mesmo recorrer ao escudo, ou vasconço, ao que parece, o primitivo idioma dos líberos, e onde certos étnimos poderiam ter dado nascimento à denominação, como *Bar-solo*, por exemplo, «terra dos prados» ou «terra interior dos prados»?

Problemas são estes que não vale a pena deslindar e que, pelo menos, são impróprios deste estudo.

O certo é que Barcelos foi célebre no passado, é ainda hoje uma povoação importante e poderá ser, no futuro, uma das mais notá-

veis da província, pela sua situação, pela sua história, pela sua extensão periférica, pela sua densidade demográfica, pelo valor do seu comércio, da sua indústria e da sua agricultura, pelo deslumbramento da sua paisagem, pela grandeza e vastidão dos seus panoramas.

NO PASSADO E NO PRESENTE

Desta gentil e nova cidade poderíamos dizer com um antigo genealogista: «F. Barcelos uma das vilas mais formosas da província do Minho: sentada como rainha doçíssima sobre um trono adreçado de feiticeiras galas, banham-lhe os pés os límpidos cristais do dormente Cávado; tem por vassalagem ubérrimas e vistosas campinas, por dizec um céu ceruleo; as auras que a bafejam são embalsamadas, e os horizontes que a limitam são amplos, opulentos e deliciosos».

Foi Barcelos honrada com a criação do primeiro condado português, no tempo de



Igreja matriz, lado sul

D. Diâs, sendo o primeiro titular deste nome D. João Afonso de Menezes, mordomo-mor do Rei-lavrador. Dado ao cultivo das musas, foram as ninfas do Cávado que lhe inspiraram as suas endechas de amor, ao murmúrio das suas águas compôs as trovas em que fundiu os segredos de alma e os mistérios de coração, e quem sabe de quantos poemas e dramas amorosos, de paixão e de ciúme, foi teatro o local onde ainda hoje se elevam as ruínas magestosas que fronteam a vetusta ponte de Barcelos!

A nova cidade, sede, como já dissemos, dum populoso e vasto concelho, é um dos mercados mais concorridos do Minho, de grande volume de transacções, indo os produtos da sua agricultura e do seu comércio enriquecer outras muitas povoações, ao perto e ao longe. Possui numerosas fábricas dos mais variados ramos de indústria, e as suas já famosas olarias, criações ingénuas mas curiosas da imaginação e da habilidade daquele povo-artista, constituirão um dia uma das maiores riquezas regionais do país, quando houver escolas técnicas educando e aproveitando as naturais aptidões estéticas dessa gente.

O FUTURO DE BARCELOS

Terra em evolução progressiva, tendo realizado recentemente melhoramentos consideráveis, que deve à iniciativa e tenacidade de filhos ilustres, como o capitão Francisco Caravana, actual governador civil do distrito, Barcelos, pela sua proximidade da capital minhota, pelo seu contacto fácil com os grande aglomerados da província, poderá não só readquirir a sua primitiva grandeza, mas valorizar-se sucessivamente pela conquista de novos factores económicos.

De facto, esta povoação já foi célebre no tempo dos romanos, quando o «povozeiro» valorizava a terra conquistada, estabelecia a permuta do comércio e aproveitava os artefactos da indústria. Braga, o *conventus Bracaragustanus*, foi, nessa época remota, uma

do sr. José de Azevedo e Menezes, por Barcelos passava a quarta via romana de Braga a Astorga, *per ora marítima*. As velhas embarcações que sulcavam o Cávado, hoje obstruído em quasi todo o seu percurso, chegavam uma légua acima de Barcelos, a Vilar de Frades, e dali conduziam vinho, madeiras e outros produtos, que recebiam para a Galiza, ao longo da costa, indo abas-



Solaz dos Pinheiros (vulgo «Casa do Barbaão»)

das terras mais importantes do império. Para ela convergiam cinco vias militares, cujos marcos militários referiam invariavelmente as distâncias àquela cidade, sendo poucas as terras de Espanha que de tal honra fruam. Segundo hoje parece apurado, e se deduz concludentemente dum valioso estudo

tecer o império pelas vias terrestres convergentes a Astorga.

Ainda hoje, desassoriada a barra do Cávado, arrasados os açúdes que lhe estrangulam a corrente, aquele rio poderit ser um poderoso veículo de mercadorias com destino aos mercados estrangeiros pelo porto de



Igreja matriz, fachada e torre, vendo-se no lado direito o muro ameiado que circunda as ruínas (Monumento nacional)

concurso de barcelenses dedicados e escassos subsídios do Estado, sob a direcção dos distintos architectos Baltazar de Castro e José Vilaça.

Ali existiu uma das mais antigas Colegiadas do país, criada em 1433 e confirmada pelo sumo pontífice Paulo II.

A construção desta igreja deve remontar a maior distância, no tempo, que a do palácio ducal, visto que os principais monumentos românicos assistiram já à formação da nacionalidade. Teve muitos exertos, contudo, alguns dos quais a mutilaram com remendos horríveis, de que a prudente e conscienciosa reconstituição de agora a deixa limpa.

A oeste das ruínas, sobre um cômodo arrelvado que devia ter sido outrora um terreiro público, ergue-se quasi intacto o velho pelourinho, um dos mais formosos exemplares do género que há em nosso país, sendo para lamentar que esta, como outras admiráveis peças architectónicas, fôsem instrumentos de tortura, de castigo e de punição.

Barcelos era guardada por grossas muralhas e elevadas tôrres, quatro pontes e três postigos. Da solidez e magnificência com

Espozende, quando ali houver coisa digna de tal nome.

Mas a facilidades de comunicações com Barcelos, mais ainda que pelo rio, tem de fazer-se por meio de transportes terrestres com o estabelecimento de novas linhas férreas já projectadas e, melhor ainda, quando uma larga rede eléctrica, accionada por energia hidráulica, estreitar com apertado amplexo as principais povoações minhotas, irradiando de Braga, como um polvo de poderosos tentáculos.

Nesse dia Barcelos, aumentada, desenvolvida, próspera, terá honrosamente conquistado o seu título de cidade, e grande cidade então, a primeira entre as primeiras do Minho.

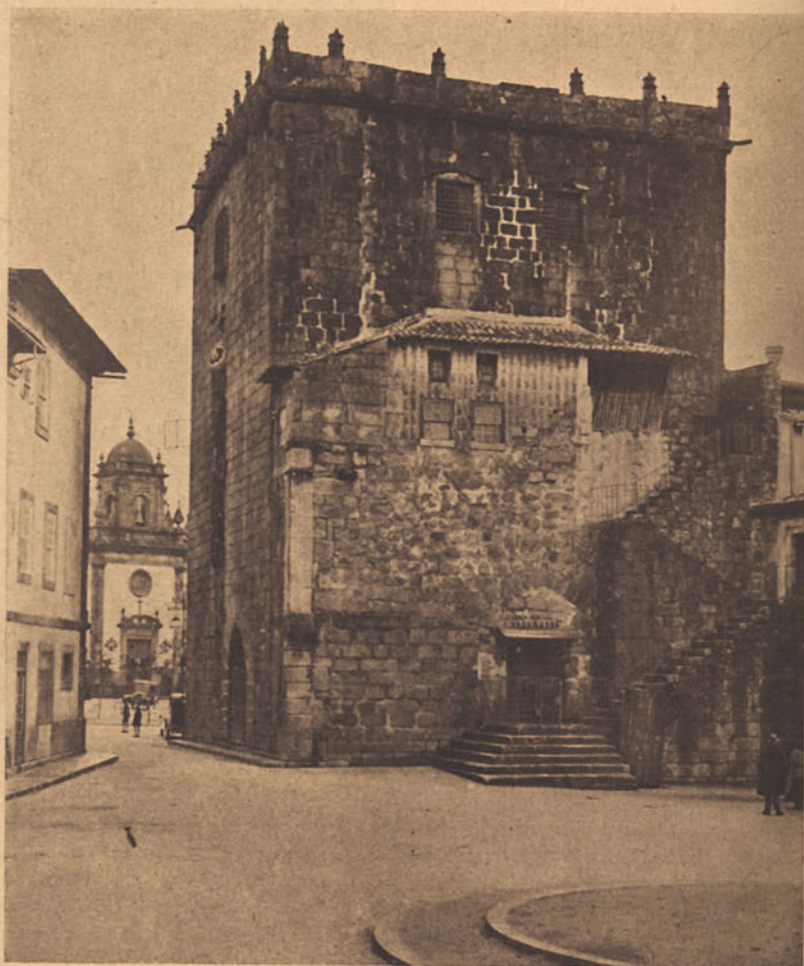
RELIQUIAS DE BARCELOS:
AS TÔRRES; A IGREJA MATRIZ;
O SOLAR DO BARBADÃO;
O PELOURINHO;
A TÔRRE DE MENAGEM

Sobranceiras ao Cavado, ainda hoje se ostentam, merencórias e escalavradas, mas com ressaibos da sua antiga magestade, as ruínas do histórico palácio do 9.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança, D. Afonso, filho legitimado de el-rei D. João I e genro do grande Condestável D. Nuno Alvarés Pereira, que na antiga vila também teve moradia, ainda hoje existente.

«As Tôrres», como o povo designa essas ruínas, constam de algumas paredes semi-desmoronadas, conservando-se pelos piedosos restauros, embora incompletos, dum barcelense ilustre, o falecido conselheiro José Novais.

Fronteira a estas ruínas, e antigamente ligada ao palácio por um passadiço de que

ainda há vestígios, ostenta-se a grandiosa igreja matriz, precioso exemplar de estilo românico, recentemente restaurada com o



Torre da Porta Nova, actual cadeia civil. (Monumento Nacional)



Igreja matriz, lado norte, em reconstrução

que D. João I mandou executar essa obra falam ainda uns panos de muralha encostados à casa do Barão da Retorta, hoje pertencente à viúva do conselheiro José Novais, e que se ligam à torre de menagem, adaptada agora a cadeia, mas que vai ser transformada em museu regional e foi considerada já monumento nacional, como a igreja matriz.

Descendo a larga rampa fronteira a esta igreja, há uma ala de casas, do lado direito, cujo ângulo ocidental é formado pelo solar dos Pinheiros, coevo da casa de Bragança e fundado por Tristão Gomes Pinheiro. Foi uma casa fértil em varões distintos, como diz o falecido Visconde de Pindela, aparentado com essa nobre família. Entre outros, poderemos mencionar Gaspar Pinheiro, comendador da Ordem de Cristo, que militou em Flandres e no Brasil com grande fama, sendo distinguido com elevados postos e honrarias nos reinados de Filipe III e D. João IV. Também foi muito ilustre nas letras D. Rodrigo Pinheiro, 2.º bispo de Angra em 1561 e 31.º bispo do Pôrto em 1552.

O mais notável ornamento desta casa, porém, foi D. Diogo Pinheiro, capelão e fidalgo da casa de Bragança, 1.º comendatário do mosteiro de S. Simão da Junqueira, conselheiro de Estado e desembargador do Paço, prelado de Tomar como vigário do mestrado da Ordem de Cristo, 35.º D. Prior da Colegiada de Guimarães e 1.º bispo do Funchal em 1514. A atitude assumida por este fidalgo na corte de D. João II é duma grandeza épica, num meio e num tempo em que todos dobravam a cerviz diante do Rei-tirano, curvando-os mais o medo do que o respeito.

É conhecida a tragédia. Malquistado com os Braganças, que acusava de traidores, D. João II, após um processo monstruoso

que ele mesmo inspirou e orientou, mandou levantar um cadafalso na praça de Évora, onde foi decepada a cabeça do infeliz D. Fernando, 3.º duque de Bragança, 11.º conde de Barcelos. O ódio do príncipe era tal, que a história suspeita ainda que fôsse ele próprio o mascarado algoz que fez rolar no chão a cabeça do conde de Barcelos.

E, no meio da covardia geral, só uma voz se levantou a condenar o nefando atentado, tão brutal, que a própria traição não justificaria esse rigor desumano. Essa voz foi a do ilustre filho de Barcelos, D. Diogo Pinheiro, advogado do duque e o mais notável jurista do seu tempo. Foi ele o único a protestar, num documento cujo cópia ainda existe, contra a crueldade do monarca e a

corrupção dos juizes, expondo nobremente a vida pelo amigo que reputava inocente.

Este solar, de elegantes linhas architectónicas, e regularmente conservado, está hoje nas mãos dos senhores de Azevedo, «em cuja raça legitimamente se encabeçou a representação daquela família», como disse o sr. José de Alpoim.

Em volta d'êles giram lendas curiosas, como a do «Barbadão» e a da «Maria Pinheiro». As lendas não devem interessar-nos, porém, quando, sem base histórica, apenas pretendem amesquinhar famílias notáveis pelos seus feitos patrióticos e virtudes cívicas.

Há assuntos fartos de material subsidiário ao lado de outros escassos e pobres. São dificuldades com que temos de lutar. Mas a lei da simplicidade não pode ser esquecida num estudo destes, que não deve pecar pela redundância nem pela concisão.

REINALDO FERREIRA
SOUSA MARTINS.

Nota. — O inquérito que vamos iniciar, e que tem de ser fatalmente demorado, abrange apenas, em primeira fase, as províncias do Norte: Minho, Trás-os-Montes, Douro e Beiras.

Aos investigadores, arqueólogos ou mesmo curiosos, que tenham conhecimentos de velhos solares, conventos, castelos, igrejas e quaisquer outras obras antigas, que se recomendem pela sua architectura ou pela sua história, muito agradecemos a fineza de nos fornecerem esclarecimentos sobre o local e estado em que se encontram, com dados descritivos ou indicação de fontes subsidiárias.

A correspondência relativa a esta secção deverá ser dirigida a Sousa Martins, Travessa Fernão de Magalhães, 50 — PÔRTO.

R. F. e S. M.



Velhas ruínas dos Paços dos Condes e Duques de Barcelos, sobranceiras à ponte e rio Cavado



BELEZAS DO NOSSO PATRIMONIO COLONIAL

Arquivamos hoje, nesta página, duas formosíssimas paisagens que nada ficam a dever às mais famosas estâncias de repouso e turismo reclamadas em todo o mundo. Em cima é o futuro Parque da Senhora do Monte e, em baixo, a ermida

de Nossa Senhora do Monte, ambos em Sá da Bandeira (Lubango), no coração da nossa rica colônia de Angola, no salubérrimo planalto da Huila. Que diferença daquela «África Tenebrosa» que conhecemos das más tradições derrotistas...

(Fotos de D. Maria Helena de Moura Neves)



LIVROS E ESCRITORES



J. Aguilar Catena

VA TODO! — Novela por J. AGUILAR CATENA. — Editorial Pueyo (Madrid) — 5 pesetas.

A novela volumosíssima de J. Aguilar Catena que nos foi oferecida ocupa um sector pouco frequentado nas letras. É uma novela de imaginação, de movimento, intensamente dinâmica, largamente colorida, com uma acção linear que pouco se alarga por veredas e divertículos mas acção propositadamente condensada de forma a amontoar os efeitos quasi teatrais, ou melhor, cinematográficos. Enveredando por este género, talvez pouco em moda mas, de toda a maneira, assás difficil, quis Aguilar Catena provar até onde chegava a sua «virtuosidade» no género e forçou o aspecto cinematográfico do seu trabalho abolindo, de uma forma bem marcada, todo e qualquer descritivo, dando os ambientes e as psicologias através dos successivos diálogos ligados por pequenas e curtas fases do argumento, também lacónicas e breves. Resulta deste todo um efeito curioso que não posso, facilmente, classificar de agradável ou desagradável. Sei que a novela é, certamente, empolgante na sua propositada secção, sendo antes uma volumosa síntese duma novela do que um romance completo. A literatura fica à parte de *Va todo!* para deixar uma obra que se pode chamar acção... acção e acção! E não é este o único mérito de Catena que dialoga com facilidade e elegância e conhece a vida que mostra com segurança e firmeza.

J. F.

PAIS DE PAPEL. — Crítica humorística de teatros por WENCESLAO FLOREZ — Editorial Siso — Madrid — 4 pesetas.

Este livro tem mais de duzentas páginas e lê-se, sem parar, de ponta a ponta. É portanto um estimável e bom amigo, um amigo comedido e espirituoso, de presencioso e bom rapaz, desejo sempre de nos ser agradável. É um bom livro. A pesar de composto por crónicas em que se adivinha a *pressa* característica do labor jornalístico, a unidade mantém-se, numa mesma linha de sátira humorística, excepcionalmente leve e excepcionalmente elegante.

Wenceslao Fernandez Florez, que ainda ultimamente maravilhou os nossos leitores com o brilho, o imprevisto e o ingenho da sua novela *Fauna recente*, dedica este livro à nossa revista e diz-se *orgulhoso de ser su colaborador*. Mas o mais justificando orgulho é o nosso, contando entre os nossos mais queridos e dedi-

cados amigos, o prosador ameníssimo e subtil do *Secreto de Barba Azul*, o ironista magnífico de *Las gafas del diablo* e *Visiones de neuras-ténia*, o satirista incomparável de *Las siete columnas* e *Relato immoral* o novelista cheio de magnificante ternura e humanidade que escreveu essa prodigiosa *Volvoreta*.

Wenceslao Fernandez Florez é hoje um dos escritores de maior público em Espanha e terá,



Wenceslao Fernandez Florez

também, dentro em pouco, a consagração unânime das gentes de Portugal que éle ama entranhada e sinceramente. O seu livro *País de Papel*, agora publicado, série de impressões dos autores em noite de estreia de suas peças, encerra pequenas maravilhas de mordacidade e de caustico humorismo, a par de conceitos sobre o teatro que surpreendem e justamente maravilham.

J. F.

OS PRESÉPIOS DE EVORA. — Iconografia artística por JOÃO ROSA. — Edição do autor — Imprensa Nacional — Lisboa.

Um velho aserto popular afirma que, *quem nunca viu Lisboa, nunca viu coisa boa*. É possível. Mas a grande verdade é que Évora, a



João Rosa



J. Reis Gomes

cidade-museu é uma eterna arrebatadora de almas de artista e não há maneira de a esquecer, tamanho o encanto que dela se desprende. É João Rosa, eborense por nascimento, e que à sua cidade natal já dedicara uma obra volumosa — *Evora artística* — surge-nos agora falando dos presépios da formosa cidade alentejana, a éles dedicando uma formosa *plquette* primorosamente ilustrada e na qual as ingénuas manifestações da iconografia religiosa popular são amorosamente expostas e estudadas. É uma brochurazinha que se lê por gosto e nos deixa ficar bem com os seletos colecionadores de coisas de arte...

X.

ATRAVÉS DA FRANÇA, SUIÇA E ITALIA. — Viagens por J. REIS GOMES. — Livraria Clássica Editora — Lisboa.

O illustre escritor madeirense Reis Gomes é já, por direito de conquista, um grande nome das nossas belas letras e das nossas artes. Crítico de cultura e senso pouco vulgares, dramaturgo, poeta e jornalista, membro cotado da Academia das Ciências, tem, justamente, imposto o seu nome à força de verdadeiro merecimento, alheio como se mostra à convivência de capelinhas ou cenáculos onde o elogio é fácil e se paga com outro elogio adulator. Vivendo no encanto da sua ilha abençoada, entregue apenas à fúria do jornalismo tranqüilo da formosa terra, todos os ócios os consagra a difundir a sua privilegiada cultura em volumes primorosos de profundidade e de justiça a que não falta a indispensável honestidade literária quando, e muitas vezes acontece o contrário, não há verdadeiro brilho da prosa.

O culto polígrafo, havendo visitado, há pouco, com a peregrinação católica madeirense, o santuário de Lourdes e a Roma dos Papas, com uma curta digressão turística por Suíça e parte da França, não quis deixar de fazer o registro da sua viagem, em lídicos apontamentos que reúne em volume. Sendo um livro de primeiras impressões, natural é que haja suas oscilações de forma e por vezes desequilíbrios na narrativa, mas nem por isso o volume deixa de constituir um belo documentário, salpicado aqui e além por notas e observações duma grande flagrância, pedaços de visão crítica notáveis sem favor e uma pulcritude literária digna do nome illustre do seu autor.

J. F.



Professor Virgílio Corrêa

MONUMENTOS DE PORTUGAL. — Colectânea de defeza do nosso património artistico. — I — *O mosteiro da Batalha*, por VIRGÍLIO CORRÊA. — Litografia Nacional (Pôrto).

No nosso acanhado âmbito editorial, o aparecimento duma obra como esta é um facto notabilíssimo, duplamente digno de encômio pela intenção e pela realização. É o nosso eminente colaborador dr. Carlos de Passos a vontade de ferro temperada do mais alevantado ideal que tem conseguido o milagre de remover céu e terra para levar por diante este empreendimento. Honra lhe seja feita e honrarias também sejam dadas à Litografia Nacional, do Pôrto, que pôs na edição um esmero deveras notável em Portugal e que, nos melhores centros de perfeição gráfica não destoaria. Quanto ao texto e gravuras deste volume, que lhe diremos mais do que o muito que sugerem os nomes do eminente arqueólogo dr. Virgílio Corrêa e do fotografo artista Alvão? Ansiosamente esperamos o segundo volume da bela colectânea de arte.

J. F.

COLECCÃO HISTÓRICA — Divulgação histórica por ROCHA MARTINS — Legendas de Portugal — Edição do autor.

Neste país em que os plunitivos têm de arrumar-se a um emprego — particular ou do Estado — para conseguir o negro pão de cada dia, Rocha Martins realiza o milagre estupendo de viver apenas da sua pena de escritor. É um caso raro entre nós, o deste indefeso trabalhador que em jornais e revistas, contos, novelas e romances possui uma obra considerável e digna de apreço. Rocha Martins não descansa um momento e a sua pena é, por certo, aquela que mais tem trabalhado nos últimos tempos. Com um estilo muito pessoal, nervoso, brilhante, agitado; dotado de raras qualidades de investigador e duma excelente e apurada erudição, o ilustre escritor multiplica-se e a todo o instante o seu nome surge nas montras dos livreiros ou nas columnas dos jornais. Agora temos nós aqui sobre a mesa de trabalho o 4.º volume das *Legendas de Portugal* e que se lê com o agrado e o enlêvo que sempre proporcionam as obras de Rocha Martins. O volume em questão contém os episódios referentes às cidades de Bragança, Caldas da Rainha e Castelo Branco, respectivamente intitulados *Luta de Bragança*, *Pelicano Rial* e *A Primeira Invasão das Beiras*. É uma obra digna de ser lida e calorosamente a recomendamos aos nossos leitores,

X.

MINHA MULHER E A SUA CULPA. — Memórias por AUGUSTO NAVARRO. — Tip. Sequeira, L.ªs — Pôrto.

É uma obra que perturba, muito embora o assunto não ofereça novidade: o caso tratado neste livro do sr. Augusto Navarro é tema por demais versado em romances e novelas. Mas o certo é que da obra do escritor em questão se desprende uma influência deletéria, desconsoladora, cheia do mais negro pessimismo. A nevrose da personagem principal — incidindo principalmente sobre o martírio da dúvida — deixa no leitor de *Minha mulher e a sua culpa*, uma impressão penosa, toda ella projectada em



Rocha Martins

sombra acarvoadas e desesperadoras. Não é uma obra de construção, mas sim de análise e de destruição: não tem um sorriso, um clarão de sol. Revela contudo qualidades apreciáveis por parte do seu autor e muito seria para desajar que a pena do moço escritor, abandonando pessimismos, preconceitos de escolas que já



Augusto Navarro

morreram, encarasse a vida com aquella confiança e aquella fé que tão necessárias se tornam para lutar e vencer...

X.

AVE DO PARAISO. — Romance, por CARLOS SELVAGEM. — Ailland e Bertrand — Lisboa.

Carlos Selvagem, o dramaturgo de *Entre Giestas* parecia ter dedicado toda a sua actividade literária ao teatro. O successo verdadeiro de *A tropa de Africa*, o livro vivido e empolgante, deixara-o o autor sem seqüência; Mas agora, de chofre, quasi sem preparação publicitária, surge em todas as montras livreiras um romance de Carlos Selvagem, com o belo título *Ave do Paraíso*. Na época que atravessamos, um romance é coisa para nos fazer desconfiar. A mór parte das vezes é um cartapácio longo, enfadonho e monótono, exposição sonolenta de doutrinas ou monografia arrastada dum bom senhor ou dum mau tratante. Quer dizer, na maioria das vezes, o romance será tudo menos... romance. Falta-lhe para isso a arquitectura pró-

pria o desenho e desenvolvimento dum conflito ou acção dramática primordial e das suas accessórias, falta-lhe o melhor das qualidades dum romance que o seja... É por isso o público desconfia tanto, hesita antes de comprar um volume grosso catalogado de romance e que, ao melhor, vai enchê-lo de sono e tédio. Felizmente, e para honra das letras contemporâneas, não é este o caso de *Ave do Paraíso*. Este romance realista a espécie já tão desacreditada. É um livro forte, superiormente construído, sem *litteralices*, livro onde se revela, a todo o momento, o forte pulso do dramaturgo experimentado e em que a acção, original, cruenta de escalpelização, cheia de verdade e de humanidade, sobreleva todos os enfadonhos doutrinarismos e todas as aborrecidas decorações românticas que soem ser o pato de fundo de obras análogas. Porque, precisamente, em *Ave do Paraíso* estão com felicidade e consciência abolidas todas as catequeses declamatórias e todas as demoradas análises psicológicas das figuras do trágico entremez. Opiniões e caracteres ressaltam sempre da acção de cada figura e do dinamismo geral da farça. E é esta uma das mais louváveis qualidades de Carlos Selvagem ao enveredar pelo romance onde vai, decerto, marcar um lugar de absoluto destaque pois que, com este primeiro trabalho já se coloca muito à frente de todos os que actualmente se lançam na difícil senda da novela grande. De resto, *Ave do Paraíso* é, incontestavelmente, escrito com consciência e numa linguagem máscula, duma louvável sobriedade e dum casticismo que não vernaculismo ridículo. Prosa sentida, elegante sem ser frágil e dum notável equilíbrio. Figuras estudadas com paixão de naturalista, compondo uma fauna de flagrante verdade; algumas marcam em absoluto. D. Maria Mancelos, a Marcela vária e ondeante, a rutila *Ave do Paraíso*, o próprio Teófilo Berredo embora sem originalidade de maior, são tipos acabados, traçados com mestria e indelévels como águas fortes bem gravadas.

Rogério Alano é flagrante de vida como Lourenço Cabrela, como quasi todos os *fantoches* trágicos que Marcela vai amarfanhando na sua rota demoníaca. Certas scenas também marcam pontos culminantes no livro. Algumas são, em verdade, dignas de figurar em antologias, tal o poder de realização que o autor evidenciona. Em resumo, *Ave do Paraíso* é um dos mais fortes e belos livros dos últimos anos.

J. F.



Carlos Selvagem



MOTTA

De Nice noticiou um jornal a morte do famoso galgo *Mitsu*, debaixo dum automóvel, na célebre cidade do Mediterrâneo.

Mitsu era detentor de vários primeiros prémios nas corridas de galgos em Inglaterra e a dona habilita-se a receber oito mil libras — soma em que estava seguro o nobre animal. Eu tenho grande admiração pelos *racés* de tôdas as espécies, motivo porque a morte dum cão pode chocar-me mais que a morte de um homem. Embora de desastre, *Mitsu* morreu como convinha a um cão fidalgo, numa artéria da aristocrática Nice, nos últimos dias de inverno, num cenário de luxo, certamente à hora a que sua pelagem fina ia receber a carícia do sol.

Há tres animais porque tenho decidida afeição — o cavalo, o galgo e o toiro. São três plásticas belas, tôdas talladas de harmonia com o fim a que se destinam. A qualquer dos três eu devo sensações fortes, visões de beleza em deslumbramentos momentâneos de retina. O cavalo e o galgo são meus companheiros de todos os dias, que saem comigo, percorrendo quilómetros, esbeltos e alegres, a pôrem diante dos meus olhos impulsividades de sangue, acicatados sempre por aquele *quid* que leva a quebrar antes de torcer as raças seleccionadas.

Eu tenho necessidade de ter galgos, quando mais não seja para recreio da vista: o meu dia começa habitualmente, por ir vê-los, e, raramente, deixo de ir dar-lhes e aos cavalos as boas-noites. E só não compreende isto quem nunca os viu perseguir uma lebre, ou brincando uns atrás dos outros nas côrtes relvadas que êles, não sei porque motivo, preferem, ou nos areais, por que têm, também, accentuada preferência. Dois ou três saltos constituem, em geral, o desafio a que o outro corresponde logo, correndo sobre aquele; e a corrida vai sendo cada vez mais célere, em curvas fechadas por furtas, voltas rapidíssimas sobre os rins, seguidas da mais brutal impulsão para a frente: e os meus olhos seguem, deslumbrados, o recorte inesperado das linhas que ressaltam, fascantes, daquelas energias de movimento, em sucessivas modelações de atitudes bizarras.

O galgo a que o génio de D'Annunzio consagra uma página de *Il Fuoco*, é das mais nobres e elegantes obras da criação, de linhas orquestradas na estilização da forma, modelo cubicado dos plásticos a retocar o cunho heráldico das telas que retratam as grandes figuras, e foi, disse-o Eça de Queirós, o cão fiel do Feudalismo.

Na Inglaterra, o país da selecção, a criação

de galgo merece especiais cuidados áqueles que felizmente sabem aproveitar a riqueza, applicando dinheiro na arte scientifica de obter verdadeiros motivos de beleza na rotina fatal da vida.

Mitsu era um dèsses eleitos da ascendência escolhida, filho dilecto da vitória, mercê duma anatomia e fisiologia levadas à perfeição, pela persistência orientada do extraordinário povo inglês. *Mitsu*, para fugir aos rigores do inverno britânico, viera a Nice fazer a *season*, como os que vivem a vida nos caprichos da elegância, e um desastre ocasionado pelo carro do seu antigo dono (segundo a notícia do periódico), quando, reconhecendo-o, iria saudá-lo, deu a morte ao galgo.

Pobre *Mitsu!* Ocorrida em Nice, a tua morte veio fazer-me estremecer, a mim, que tão distanciado estou da grande vida de que foste um precioso elemento, nesse meio de riqueza e luxo onde viveste. E se alguma vez, por um capricho da fortuna, eu adregar passar em Londres, entre a Babel de coisas que desejo ver, pedirei à sofreguidão do meu espírito uma hora que me leve ao cemitério dos cães, onde descansarás com a pompa devida à tua alta estirpe.

MOTTA CABRAL.

FOI A BATALHA DA JUTLANDIA UMA GRANDE VITORIA PARA AS FORÇAS NAVAIS INGLEZAS?



O almirante David Beatty, comandante da esquadra de cruzadores de batalha.

Na madrugada de 1 de Junho de 1916 — fazem-se hoje treze anos — a armada de alto mar alemã, do comando do almirante Von Scheer, batia em retirada à frente das forças navais inglesas comandadas superiormente pelo almirante Jellicoe...

Tinha terminado na noite anterior a maior batalha naval dos últimos tempos: a da Jutlândia.

Esta batalha, que por si só constitui um capítulo notável da Grande Guerra, é ainda hoje objecto das mais acaloradas discussões.

Ao relembrar o Conflito Europeu de 1914, o povo inglês estava convencido, porque assim lhe dizia o seu governo, de que a Armada alemã era incapaz de tirar à Grã-Bretanha o domínio dos mares.

Rentando a batalha da Jutlândia não correspondendo inteiramente à expectativa do povo britânico...

A Armada alemã batia em retirada? Sem dúvida. Mas depois de ter infligido às forças inglesas mais do dobro de perdas que as suas...

Para melhor compreensão da batalha considera-se esta dividida em quatro fases distintas. Vejamos cada uma delas:

Primeira fase: — Ao romper da manhã de 31 de Maio de 1916, deu-se o encontro entre os cruzadores de batalha ingleses do almirante Beatty e os alemães do almirante Von Hipper.

Desenvolveu-se o combate a uma velocidade média de 20 nós por hora, tendo sido afundados em cinco minutos dois grandes cruzadores de batalha ingleses «Queen Mary» e «Indefatigable», perecendo cerca de 1.600 homens, entre oficiais e marinheiros.

Os navios britânicos de Beatty atiraram com pouca precisão, não molestando grandemente as forças germânicas.

O almirante Beatty, dispondo também da 5.ª esquadra de batalha do almirante Evan Thomas, que estacionava a cinco milhas de distância aguardando ordens, não a chamou a tempo para junto de si, deixando assim que a sua esquadra sofresse o princípio de um reves.

Beatty, não soube ordenar inteligentemente as evoluções que os couraçados e cruzadores ligeiros deveriam ter efectuado para mais facilmente organizar a defesa e navegar ao encontro da «Grand Fleet» de Jellicoe, que avançava a toda a força para o local.

Segunda fase: — Beatty faz-se de rumo ao N. e simula o envolvimento do extremo da linha inimiga.

A 5.ª esquadra de batalha de Thomas aproximou-se então e descrevendo uma curva foi coberto a força para o local.

Preparava-se assim a situação para a chegada das forças de Jellicoe.

Entretanto Beatty a coberto da 5.ª esquadra ia-se afastando.

A propósito desta atitude, reveladora da situação crítica em que se encontrava, redado a três cruzadores de batalha, o capitão de fragata alemão Von Scherle, diz num relatório oficial: «Eles, (Beatty e os seus navios), foram perdidos a pouco e pouco na linha do horizonte, e com as avarias e perdas consideráveis já sofridas, não voltaram ao combate».

Contudo o almirante justificou a sua atitude, afirmando saber bem o valor do grande núcleo de forças que avançava sob o comando de Jellicoe, que iria destruir as unidades navais alemãs... e foi essa a única razão porque efectuara antecipadamente a manobra de retirada em boa ordem.

Tercera fase: — Entra em acção a «Grand Fleet» de Jellicoe.

Vem a cair a noite e com ela uma neblina muito densa.

Entretanto o grande almirante inglês vai ter ocasião de se evidenciar.

As forças alemãs iniciam imediatamente a retirada, descrevendo uma grande curva e começando a apressar ao S. — portanto em direcção às suas bases...

Tornava-se necessário evitar o encontro com as forças de Jellicoe... tanto mais que este se fazia agora acompanhar pelos navios dos almirantes Hood e Beatty...

Ripostando com energia e frequência ao fogo, agora certo, dos ingleses, os alemães iniciam contudo a retirada.

Quarta fase: — A quarta fase da batalha é preenchida pela retirada germânica.

Durante a noite de 31 de Maio para 1 de Junho, com horizontes muito curtos, as forças navais inglesas a uma velocidade média de 22 nós, perseguiram as unidades dos almirantes

Von Hipper e Von Scheer, que retiravam a coberto das suas flotilhas ligeiras.

Durante a retirada deram-se alguns recontros entre unidades de superfície e submarinas, tendo verificado o afundamento de alguns contra-torpedeiros e torpedeiros com perda de algumas centenas de vidas.

As 3 horas da madrugada de 1 de Junho os combates cessavam... e a neblina pouco depois começava a levantar.

As 5 horas caíam os primeiros alvares da manhã.

A armada alemã estava nas alturas de Hornsuff... e o horizonte estava limpo de navios... apenas alguns penachos de fumo que se desdiziam lentamente na atmosfera...

Onde estavam os vasos de guerra ingleses? Tinham ficado para trás. Jellicoe resolvera dar a batalha por terminada, retirando os seus navios para as respectivas bases.

R assim terminou a batalha da Jutlândia...

A Inglaterra teve mais do dobro das perdas alemãs.

O facto das forças de Jellicoe terem obrigado a retirada das unidades alemãs, não pode significar uma grande vitória para a Grã-Bretanha, visto que, poucas horas antes, as unidades de Beatty tinham sido fortemente batidas pelos cruzadores de batalha de Von Hipper.

A Alemanha perdeu também na Jutlândia alguns navios de valor: o couraçado «Sommern» e várias unidades ligeiras, tendo perdido muitas centenas de marinheiros e algumas dezenas de oficiais.

Contudo as perdas britânicas foram muito superiores em homens e navios.

Respeitando no «Boletim Belga das Ciências Militares» «Ore» o esculptado da Jutlândia, o vice-almirante inglês Sir Reginald Bacon, diz: «Ninguém pretende provar que a batalha da Jutlândia tenha sido uma grande vitória; ela não o foi de facto. Uma grande vitória não era mesmo possível, dadas as condições de visibilidade na tarde de 31 de Maio».

Uma vitória perdese, sim, mas na manhã de 1 de Junho, mas por faltas dos subordinados na noite anterior.

Contudo a batalha que se travou na Jutlândia deve ser para a nação e para a Armada britânica um verdadeiro título de orgulho.

Certamente por uma questão de disciplina, o vice-almirante Sir Reginald Bacon, não alude à questão política, que teve um papel importantíssimo no desfecho da batalha da Jutlândia.

Nós não queremos, contudo, deixar de focar esse ponto interessante.

Mais uma vez se verificou, pois, a interferência da política no resultado das operações militares em navais.

O almirante Jellicoe recebera ordens terminantes do Primeiro Lord do Almirantado para que operasse de modo a nunca sacrificar grandemente as forças sob o seu comando, visto que terminada a Grande Guerra, era necessário que a Inglaterra não tivesse perdido o título de primeira potência naval, que os Estados Unidos da América do Norte lhe vinham e veem ainda hoje disputando.

Por outro lado, os almirantes alemães tinham também ordens do seu governo para retirarem logo que as forças inimigas fossem superiores.

A política dos gabinetes de Londres e Berlim evitou, pois, que se travasse na manhã de 1 de Junho, ao largo de Hornsuff, uma batalha que, segundo todas as probabilidades, deveria resultar favorável à Grã-Bretanha...

Eis a razão porque nessa manhã memorável estava perdido o contacto entre as duas Armadas...

Terminada a batalha, quantas e quantas opiniões se tem levantado, defendendo umas os ingleses, outras os alemães.

Entretanto se julgarmos o caso com imparcialidade devemos tirar as seguintes conclusões:

1.ª — O objectivo a atingir não se conseguiu: inutilizar a Armada alemã.

2.ª — O reves sofrido pela esquadra de cruzadores de batalha na primeira fase deve-se unicamente à acção do almirante Beatty.

3.ª — Os navios dessa esquadra mostraram menores perfeições nas pontarias do que os alemães.

Conclusão final: A Jutlândia não resolveu o Problema Naval da Grande Guerra; se é verdade que a Armada alemã não voltou a sair de Kiel, não é menos exacto que alguns cruzadores e muitos submarinos saltaram sempre os mares, não permitindo que eles fossem cruzados com aquela serenidade e confiança tão necessárias na quadra que se estava atravessando.

Contudo, aproveitamos o 13.º aniversário que hoje passa da batalha da Jutlândia, para prestarmos as nossas homenagens aos milhares de marinheiros da nossa velha aliada, que combateram com aquela bravura característica da Raça e que morreram com aquela heroicidade que é um legítimo título de orgulho do Império Britânico.



O almirante Jellicoe, comandante em chefe da grande esquadra.

dores de batalha na primeira fase deve-se unicamente à acção do almirante Beatty.

3.ª — Os navios dessa esquadra mostraram menores perfeições nas pontarias do que os alemães.

Conclusão final: A Jutlândia não resolveu o Problema Naval da Grande Guerra; se é verdade que a Armada alemã não voltou a sair de Kiel, não é menos exacto que alguns cruzadores e muitos submarinos saltaram sempre os mares, não permitindo que eles fossem cruzados com aquela serenidade e confiança tão necessárias na quadra que se estava atravessando.

Contudo, aproveitamos o 13.º aniversário que hoje passa da batalha da Jutlândia, para prestarmos as nossas homenagens aos milhares de marinheiros da nossa velha aliada, que combateram com aquela bravura característica da Raça e que morreram com aquela heroicidade que é um legítimo título de orgulho do Império Britânico.

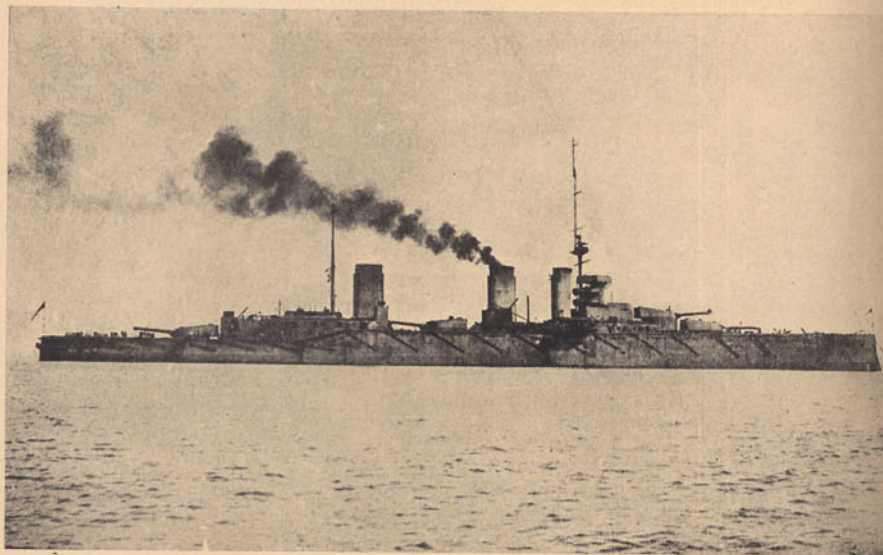
Contudo, aproveitamos o 13.º aniversário que hoje passa da batalha da Jutlândia, para prestarmos as nossas homenagens aos milhares de marinheiros da nossa velha aliada, que combateram com aquela bravura característica da Raça e que morreram com aquela heroicidade que é um legítimo título de orgulho do Império Britânico.

Contudo, aproveitamos o 13.º aniversário que hoje passa da batalha da Jutlândia, para prestarmos as nossas homenagens aos milhares de marinheiros da nossa velha aliada, que combateram com aquela bravura característica da Raça e que morreram com aquela heroicidade que é um legítimo título de orgulho do Império Britânico.

Contudo, aproveitamos o 13.º aniversário que hoje passa da batalha da Jutlândia, para prestarmos as nossas homenagens aos milhares de marinheiros da nossa velha aliada, que combateram com aquela bravura característica da Raça e que morreram com aquela heroicidade que é um legítimo título de orgulho do Império Britânico.

Contudo, aproveitamos o 13.º aniversário que hoje passa da batalha da Jutlândia, para prestarmos as nossas homenagens aos milhares de marinheiros da nossa velha aliada, que combateram com aquela bravura característica da Raça e que morreram com aquela heroicidade que é um legítimo título de orgulho do Império Britânico.

MAURICIO DE OLIVEIRA.



O cruzador de batalha inglês «Queen Mary», afundado em 31 de Maio de 1916.



O grande cruzador de batalha inglês «Invencible», que foi afundado em cinco minutos na primeira fase da batalha.

P E S S O A S QUE TODOS CONHECEM

O FARIA QUE TUDO FARIA E NADA FAZ O HOMEM MAIS AMADO DE LISBOA O ORGANIZADOR DE GREMIOS

O sr. Virgílio Faria, com o seu focinho de raposa — nariz comprido, boca pequenina ornada de pêlo hirtó e mal semeado, testa inclinada para a rectaguarda, cabelo penteado para trás e orelhas pontagudas — é uma pessoa que vive no condicional, conforme o seu apelido indica, Faria... mas não faz. Não faz porque não lho permitem.

Vive em constante frenesi, porquanto, tendo a visão do que seria necessário fazer-se em qualquer campo de actividade, todo se amofina com os erros alheios.

Se lhe dessem plenos poderes (cá está o condicional) Faria — faria coisas extraordinárias, a sua acção não teria limites. É um homem de acção que, por caprichosas circunstâncias da vida portuguesa, não acciona. Se accionasse, outro galo cantaria...

O período de maior actividade do sr. Faria, que já conta quarenta e tantas primaveras de existência extenuante, foi o da guerra. Já nesse tempo êle tinha o vício do café, não do café bebida (êle só bebe chá), mas do café ambiente. Foi ali, sobre o mármore das mesas, manejando o açucareiro, as chávenas, as colheres e o prato das torradas, cada objecto em premeditada posição, que êle deu lições de estratégia a Joffré e a Foch, a Hindenburgo e a Gomes da Costa. O que aquele homem sabia da arte da guerra! Dava gôsto ouvi-lo quando êle, sorriso desdenhoso nos lábios breves, colhér erguida na dextra, como se empunhasse com firmeza uma espada gloriosa, discretava sobre tática militar.

— Meu caro — dizia ante o nosso assombro — suponha, por momentos, que eu sou o marechal Foch e me encontro durante uma semana, duas semanas, o máximo, duas semanas bastavam, à frente das tropas aliadas. Aqui é a frente ocidental (e traça com a colhér uma linha imaginária), além a frente oriental. Está compreendido? Aqui na Flandres (era uma mancha mais escura do mármore) desenvolvia uma ofensiva violenta em todos os sectores. Percebeu? Bem. Que acontecia? Hindenburgo, que possuía um efectivo inferior ao nosso, era forçado a retirar da frente oriental (o cinzeiro de louça das Cالدas) forças consideráveis para resistir ao embate. Esplêndido! Nesta altura, os russos (o pires da manteiga) encontrando débil resistência, avançavam, avançavam (e o pires avançava lentamente), penetrando na Prússia (a chávena de chá fumegante). Por êste processo de ataque simultâneo os aliados venciam a guerra em quinze dias. Mas que fazem êsses generais famosos? Entretêm, entretêm, querendo curar grandes males com paninhos quentes.

Mas Faria não é apenas um génio militar, é também um financeiro formidável, um colonial distintíssimo, um profundo conhecedor da política internacional, um agricultor de larguíssimas vistas, um pedagogo admirável, um pintor requintado, um escultor inultrapassável, um literato famoso, um caçador de pontaria certa, um nadador de grande fôlego, um tennista elegantíssimo, um jogador de futebol que vale por um «team», um aviador arrojado, um volante de pulso firme, um músico genial, um actor incomparável, um realizador cinematográfico como nunca exis-

tirá e um fumador inveterado porque, no melhor do entusiasmo, nunca se esquece de abrir um pequeno parêntesis para nos pedir, em voz um pouco mais branda e afável:

— A propósito, dá cá um cigarro...

E prossegue com o anterior entusiasmo:

— Se eu fôsse Ministro das Finanças, ou melhor, se eu fôsse Governó, ou melhor ainda, se eu fôsse Sociedade das Nações...

êle acha maravilhoso, e agitando a sua malaca — todo o seu orgulho de *gentleman* — é inevitável o encontro de Eduardo Panoias.

Este homem pode considerar-se, sem favor, o Don Juan lisboeta. Só fala de mulheres, de grandes conquistas amorosas, de scenas de pugilato com maridos enganados e de donzelas românticas, lindas e apaixonadas, que lhe caem rendidas em seus braços condescendentes.

Entretanto, Panoias é feio, mesmo muito feio, mais feio do que nós — modéstia áparte. Possui uns olhitos de ratazana, uma boca torta e rasgada até às orelhas, estas enormes, moles, flácidas como barbatanas de peixe, a pele branca mas sardenta, o nariz deformado

Tôdas as tardes, encostado às ombranças dos cafés, das tabacarias ou das pastelarias *chics*, fumando um charuto execrável, que



Ilberino
SANTON



por uma cicatriz transversal, o queixo saliente e recurvo como um alfange.

Pois, mesmo assim, com um ombro mais alto do que outro, as perninhas curtas e bamboleantes, Panoias afirma ser o homem mais amado de Lisboa.

Estimamos às vezes a sua conversa, durante um bom pedaço, à hora elegante do Chiado.

— Vê aquela mulher? — diz êle, interrompendo subitamente o relato de uma aventura galante. — Já foi minha, e muito minha.

Reparamos na pessoa indicada. É uma rapariga esbelta, lábios frescos, rosto oval, epiderme sedosa e olhos languídos. Passa por nós, sem o menor estremeamento de emoção, sem nos enviar, sequer, um dos seus olhares, que devem ser tentadores.

— Ela não o notou — dizemos brandamente. Panoias sorri um sorriso de quem está no segredo dos deuses.

— Parece-lhe a você, meu caro — elucidada êle. — Vin-me perfeitamente, mas fêz de conta que não me conheceu. Desde que eu a atraíci com a sua amiga mais íntima, nunca mais me falou, tomou-me um ódio mortal. As mulheres não perdõem... Tem graça! Fala-se no Demónio... Vê esta que vem subindo agora?

Era uma morena, olhos negros, formas arredondadas e voluptuosas, um pouco baixa, mas muito elegante. Passa por nós sem nos olhar.

— Quem é?

— Suzana.

— Qual Suzana?

— A tal amiga íntima da que passou primeiro.

— Mas também não lhe falou.

— Pudera, depois daquela minha escandalosa aventura com a filha do chefe da minha repartição... Não ouviu falar no caso? Foi célebre, foi formidável! Essa mulher era casada com um negociante de vinhos e visitava assiduamente Suzana. Atirei-me — deu sorte. E um dia Suzana surpreendeu-nos. Cheia de ciúmes, foi contar tudo ao negociante. Tivemos sarilho. Entrou a malaca em acção...

A terceira conquista, felizmente, não passou nessa tarde no Chiado, o que não impediu que Eduardo Panoias nos contasse uma outra aventura, plena de peripécias curiosas.

— Imagine Você que tive uma amante ali para os lados da Estrêla. Era um pouco longe, mas por uma mulher bonita um homem é capaz de dar a volta ao mundo. O marido era caixeiro viajante e chegava a estar ausente na província dois e três meses. Era um regabofe, como deve calcular. Estava lá sempre metido em casa. Uma noite, já bastante tarde, umas duas horas da madrugada talvez, despertei alarmado. Era o marido, que regresava de surpresa e batia à porta desalmadamente. Grande atrapalhação — e ela, a pobre Leonor, levou-me para a cozinha e encerrou-me na carvoeira, de mistura com as minhas pobres roupas feitas numa trouxa informe.

«Era de inverno e, ali, opresso, num acanhado espaço, era impossível mover-me. A medida que as horas avançavam sentia-me regelar. Tateei na escuridão e encontrei um objecto que, pelo tacto, me parecia um frasco. Cheirei. Tinha um estranho perfume, em que se misturava o álcool com qualquer essência exquísita. Pensei em algum licôr antigo, esquecido ali na carvoeira e, a medo, levei o frasco aos lábios. Bebi um pouco — não era de todo desagradável. Mais afoitamente bebi mais goles e fui bebendo até me sentir reanimado do torpor em que o frio me tinha mergulhado. Adormeci, por fim, pensando com amargura no paradeiro da minha malaca.

«Quando, pasados os fumos do álcool, acordei, era dia claro. Deviam ser talvez umas dez horas da manhã. A casa estava em silêncio. Por uma fenda espreitei a cozinha — ninguém. Entreabri a porta da carvoeira para respirar melhor e, à luz clara do sol, pude então verificar o que o frasco continha.

— ?

— Era um menino precóce conservado em álcool.

— É lamentável a falta de espírito associativo dos portugueses — diz-nos, sempre que nos encontra, o Meneses, o português que mais espírito associativo possui.

É caixeiro de profissão, mas tóla a tendência do seu temperamento vai para um *metier* original, bem próprio do nosso século: organizador de grêmios.

É mais alto do que baixo, o Meneses, magro, sêco, palavra veemente, acompanhada de gesto pronto e incisivo. Usa um grande laço negro, pasta de couro plétórica de papéis, chapéu de aba larga e fuma tabaco de onça que traz dentro de uma bolsa de borracha.

Já organizou sociedades de recreio e grêmios literários (porque êle rabisca versos exaltados e artigos veementes), grupos de futebol e associações de caridade, montepios e ligas de protecção à infância, à velhice, aos homens infelizes no casamento, às viúvas desamparadas, às costureiras enganadas e aos gatos de Lisboa.

A sua actividade é prodigiosa.

— É lamentável a falta de espírito associativo dos portugueses! — brada êle, admoestando-nos por tabela porque nós, enfim, também estamos incluídos no número dos portugueses. — Vais entrar para uma nova asso-

ciação que estou formando. Aquilo é barato: cinco escudos de joia e um de cota mensal. Dize-me a tua morada e a que horas estás em casa para não fazer perder tempo ao cobrador, a não ser que queiras pagar imediatamente. Isso é fácil. Por enquanto, sou eu o presidente, o secretário e tesoureiro.

Abre a pasta, saca de um maço de cotas, arrima-se a uma esquina e a sua caneta de tinta traça meia dúzia de palavras febris.

Pagamos. O dinheiro desaparece numa carteira velha que, por sua vez, se some na algibeira da pistola.

— Bem, bem, aparece — diz-nos de afogadilho — vai lá pela sede, que é na rua Maria Pia, a Alcântara.

É êle aí vai a largas pernas, o laço enorme ao vento, a pasta, plétórica de papelada, sob o braço esquerdo, a cigarrilha de onça a fumar num boquilha queimada.

— Ouve lá! — gritamos.

O Meneses detem-se, aborrecido, por lhe interrompermos a faina desinteressada e humanitária.

— Que queres?

Pachorrotamente para, qual ladrão sem consciência, lhe furtarmos o tempo precioso que êle dedica às grandes causas, inquirimos:

— Quando organizas tu a liga de protecção aos organizadores de grêmios?

Fêz uma carêta de mau humor, foi-se sem se despedir, rua abaixo, mas logo se deteve agarrando um sujeito gordo e pacato pelas abas do casaco.

Estávamos longe e não podíamos ouvir, mas temos a certeza de que êle disparava sobre o sujeito tímido esta frase mais penetrante e agressiva do que uma bala.

— É lamentável a falta de espírito associativo dos portugueses!

MÁRIO DOMINGUES.

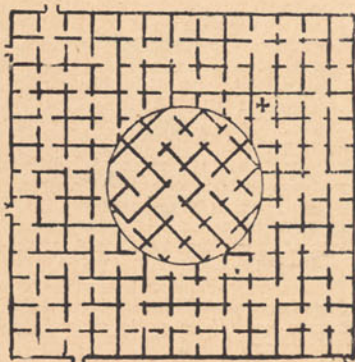




Passatempo

O LABIRINTO GIRATÓRIO

(Problema)



A gravura que os nossos leitores aqui vêem, representa a planta de um labirinto, que um certo empresário americano explorava.

As pessoas que queriam experimentar a sorte neste labirinto, eram conduzidas por uma escadinha secreta ao compartimento marcado pela cruz e tinham depois que procurar saída.

A dificuldade d'este labirinto consistia numa plataforma circular colocada no centro d'ele e que era preciso fazer girar de certo

modo para se poder sair. Premindo certas molas, girava até se colocar na posição desejada pela pessoa que as premia; mas foram sempre muito poucos os que conseguiram colocá-la na maneira conveniente para depois de assim a manterem, lhes ser possível acertar com um caminho que conduzisse finalmente a uma saída.

O leitor, sem necessidade de fazer uma viagem à cidade americana onde este labirinto está funcionando, pode experimentar a sua habilidade sobre a planta que nesta página lhe oferecemos.



— Ai, minha senhora, que perdi a menina Lili! — exclamou aflita a criada, ao entrar em casa, chorando.

— Valha-a Deus, mulher! Porque não falou a um polícia?

— A falar com um estava eu quando a perdi!



O Eduardinho foi ao encontro da já esperada visita, até ao portão do jardim.

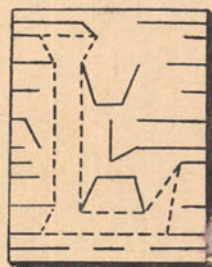
— Ainda bem que a senhora sempre veio — disse-lhe elle.

— Estás então muito contente? — perguntou-lhe a visita, lisongea.

— Se estou! Agora tenho a certeza que a mamã vai abrir a lata do doce.

PACIENCIA

(Solução)



A professora duma classé de primeiras letras estava ensinando aos seus alunos noções elementares de história natural.

— Então vamos lá, meninos, hoje vão dizer-me tudo quando sabem a respeito de gatos. Primeiro, digam-me se um gato tem asas?

Houve uns momentos de silêncio. Em seguida um pequenito da última fila diz em voz fraquinha e de espanto desdenhoso: — O quê! A senhora nunca viu um gato?



A senhora (mãe moderna): — Conceição, vou levar hoje uma das crianças comigo à missa.

A criada: — Está bem minha senhora. A senhora: — Qual delas lhe parece que diga melhor com este vestido?



— Aqui está uma loja que anuncia camisas sem botões — disse ela lendo o jornal.

— Isso não é novidade nenhuma — respondeu o marido. Há muitos anos que eu as uso.



Um agiota, que tinha enriquecido e se retirára do negócio, estava passando uma temporada num hotel elegante dumas termas quaisquer. O que o contrariava era ter às vezes períodos de distração.

Uma noite veio ao hotel um prestidigitador apresentar as suas habilidades. Quando a sessão ia em meio, este bradou: — Algum dos cavalheiros aqui presentes me pode emprestar dez tostões?

— Sobre quê? — gritou o ex-agiota.



— Não posso suportar o som da buzina dum automóvel — disse o Suisa.

— Porquê? — perguntou-lhe um conhecido.

— Aqui há tempo o meu chauffeur roubou-me o carro e fugiu com minha mulher, e sempre que ouço uma buzina penso que é elle que me vem trazer outra vez.



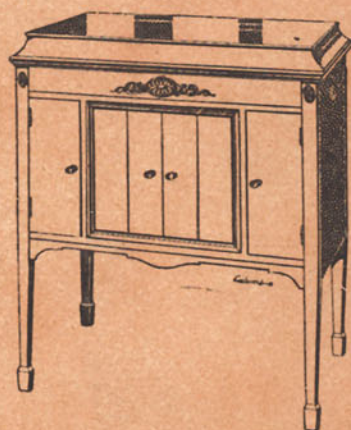
PRESTANDO TRIBUTO AO AMIGO

O Antoninho: — A mamã havia de gostar do meu cantarada Rui. É um rapaz bem educado e muito accado; lava o pescoço duas vezes na semana e sem ser preciso ninguém dizê-lo.



SENDO O MELHOR GRAMOFONE

RECOMENDAMOS PARA OUVIR



A
NOSSA EXPERIENCIA está á
vossa disposição para a escolha do
modelo adequado a V. Ex.ª

O «VIVA TONAL» COLUMBIA 1929
é o melhor gramofone que se conhe-
ce. Esta afirmação é baseada nas opi-
niões de eminentes musicos e peritos.
Não encontrará melhor por muito di-
nheiro que deseje gastar.

Convidamo-lo a OUVIR uma GRAFO-
NOLA COLUMBIA SEM QUALQUER
OBRIGAÇÃO.

Os nossos revendedores estão á vossa
disposição assim como os

COLUMBIAS PORTATEIS

Desde Esc. 750\$00 a 1.800\$00

MODELOS DE MESA

Desde Esc. 1.650\$00 a 1.800\$00

OUTROS MODELOS

Desde Esc. 2.400\$00 a 5.500\$00

AGENTES GERAES

P. SANTOS & C.ª L.ª DA

Rua Garrett, 57-59-61



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

Nem todas as Garages vendem Mobiloil

Apezar de em cada grupo de 10 Automobilistas se encontrarem 7 que só empregam GARGOYLE MOBILIL, ha efectivamente oleos de baixa qualidade que tambem se vendem.

REFINARIAS:

PAULSBORO (N. J.)
BAYONNE (N. J.)
OLEAN (N. Y.)
ROCHESTER (N. Y.)

Se, portanto, V. Ex.^a não insistir no nome GARGOYLE MOBILIL expõe-se a que lhe encham o carter do motor com esses tais oleos.

A nossa Tabela de Recomendações tira qualquer dúvida sobre este assunto. Se V. Ex.^a, pois, a consultar, seguir à risca as suas informações e não esquecer nunca que *ha oleos inferiores que se vendem*, contribuirá de uma maneira eficaz para assegurar a conservação do motor do seu carro



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de
Recomendações

389

VACUUM OIL COMPANY